

ORESTES BARBOSA MOURÃO



EU e a



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



ORESTES BARBOSA MOURÃO



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Organizadores:

HILTON PEREIRA DA SILVA

ELKE MOURÃO BENCHAYA

1985

Edição do Autor
Brasília-DF

2022

Uma iniciativa de resgate, valorização e preservação da
Memória e dos Feitos dos Pracinhas da Amazônia

pelas entidades



Associação dos Ex-Combatentes do Brasil
Secção Pará-Belém



Instituto Histórico e Geográfico do Pará
Belém-PA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo – SP, Brasil)

Mourão, Orestes Barbosa
Eu e a Força Expedicionária Brasileira
[livro eletrônico] / Orestes Barbosa Mourão ;
organização Hilton P. Silva, Elke Mourão Benchaya. --
Brasília, DF : Ed. do Autor, 2022.
PDF.

ISBN 978-65-00-41890-3

1. Brasil. Exército 2. Combatentes - Biografia
3. Força Expedicionária Brasileira 4. História do
Brasil 5. Mourão, Orestes Barbosa 6. Segunda Guerra
Mundial, 1939-1945 I. Silva, Hilton P. II. Benchaya,
Elke Mourão. III. Título.

22-105305

CDD-940.548181

Índices para catálogo sistemático:

1. Pracinhas brasileiros : Segunda Guerra Mundial :
Narrativas pessoais : História 940.548181

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DEDICO ESTE LIVRO AOS

Jovens Soldados Brasileiros foram para os Campos de Batalha, empunhando suas armas para a repugnante missão de eliminar o irmão adversário. Muitos tombaram no cumprimento do dever. Outros voltaram. Todos, autênticos heróis da **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**.

Nos hospitais de sangue atuaram dedicadas enfermeiras. Heroínas que desempenharam a humanitária missão de socorro aos feridos.

Na Pátria distante, sobretudo noivas, esposas e mães abraçaram a sublime tarefa da espera, espera que para muitas foi em vão.



ORESTES BARBOSA MOURÃO

Belém do Pará, 8 de Maio de 1985

40º Ano do Dia da Vitória

SUMÁRIO

Apresentação à Edição Digital	05
1º Prefácio à Edição Digital	11
2º Prefácio à Edição Digital	12
I. O Brasil em Guerra	13
II. No Quartel do 34º BC	18
III. A bordo do Cuiabá	26
IV. Na Vila Militar	29
V. A bordo do General Meigs	35
VI. Em Nápoles	40
VII. Depósito de Pessoal	46
VIII. Sem Destino	51
IX. Dia da Vitória	54
X. De volta para o Brasil	60
Notas Complementares	64
Referências Bibliográficas	69



Nota de Apresentação da Edição Digital

Eu e a Força Expedicionária Brasileira

Hilton Pereira da Silva (*)

“TERMINADA A GUERRA!

Depois de tão auspiciosa notícia, só canções festejando o grande e inesquecível acontecimento.

Éramos doze na Seção Brasileira. Abraçamo-nos”.

Este parágrafo da obra *Eu e a Força Expedicionária Brasileira*, do Pracinha Orestes Barbosa Mourão, que aqui apresentamos pela primeira vez ao grande público, relata o dia mais importante da trajetória de todos os que participaram e sobreviveram a Segunda Grande Guerra Mundial, como ele a refere ao longo de suas memórias.

Nascido em 1916, Orestes tinha 28 anos quando foi convocado a se apresentar na 8ª Região Militar, em Belém, para servir no exército brasileiro com vistas a atuar como parte do Contingente da Amazônia da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ele já era casado e tinha dois filhos menores, portanto, acalentava a esperança de não ser incorporado.

O fato de ter sido inicialmente obrigado, e depois se voluntariado, a servir causou, naturalmente, grande preocupação e dificuldades à sua família, porém nos legou a oportunidade de conhecer por dentro, muitas décadas depois, alguns dos meandros ainda pouco analisados sobre o funcionamento da caserna e os desenvolvimentos da Guerra, à partir de um olhar extremamente realista e crítico.

Pelo que se pode depreender da leitura dos originais, Orestes decidiu rememorar e registrar sua participação na Guerra à partir de seus contatos, ou a convite de, Antônio Batista de Miranda, autor do livro *Guerra: Memórias ... Destino ...*, que veio à luz originalmente em 1988.

Tanto o autor destas memórias quanto o Pracinha Antônio Batista continuavam, mais de 40 anos após o fim do conflito na Europa, a lutar pelo reconhecimento e valorização daqueles que pararam suas vidas no Brasil para ir lutar contra o nazifascismo e pela democracia em terras além mar. Muitos dos quais não voltaram.

Ambos eram ativos participantes da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Pará e militantes da causa justa em prol do reconhecimento e valorização dos brasileiros que participaram da Guerra. Orestes também era membro da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Pará (AECB-PA). Ele faleceu em Belém, em 1989.



Imagem. Fachada da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Pará, em Belém.

Foto: Hilton P. Silva (2013).

Narrando desde o panorama geral da situação do Brasil na primeira metade da década de 1940, partes de sua trajetória pessoal como civil, sua convocação em Belém, a desconfortável viagem para o Rio de Janeiro à bordo do navio Cuiabá e depois no navio General M.C. Meigs para a Itália, como membro do 5º Escalão, os desafios no Depósito de Pessoal na retaguarda dos combates até o retorno da Europa, passando por casos pitorescos como o do soldado rio-grandense do norte que foi internado na Itália por caxumba devido apenas ao formato do seu rosto, e situações inusitadas como a do prisioneiro que aguarda, em guarda, em frente ao xadrez improvisado, que o seu guarda lhe prepare o café.



Imagem. Navio de Transporte Cuiabá.

Fonte: <https://bit.ly/3i817ML>

Orestes nos apresenta, de forma muito sincera e íntima, aspectos do cotidiano da vida na caserna naquele período e a descrença de muitos na capacidade de luta dos nossos soldados, em sua maioria pobres, oriundos dos rincões do país, muitas vezes considerados doentes e esqueléticos. Assim como os alemães e norte-americanos, eles não esperavam, mas...

A Cobra Fumou!

É fato, que a atuação dos pracinhas na Itália surpreendeu a todos, como pode ser visto nas diversas manifestações do Alto Comando brasileiro no pós-guerra, bem como nas diversas menções honrosas e documentos do V Exército dos Estados Unidos da América, ao qual a FEB estava vinculada.

Mas o inverno e os combates foram duros e fizeram muitas vítimas. Os brasileiros que tombaram na Itália foram inumados inicialmente em Pistóia e, como relata o autor, posteriormente trazidos para o Mausoléu dos Pracinhas, no Rio de Janeiro. Ficaram imortalizados nos versos do Príncipe dos Poetas paraenses.

*Não era o derradeiro cumprimento;
Não era o último adeus que ali trocavam,
pois se ao Brasil mil bravos
regressavam,
outros dormiam no gelado chão;
No triste Campo Santo de Pistoia,
Construíram escadas para a Glória
e escreveram nas páginas da História
o episódio imortal de uma nação!*

O Escalão da Vitória
(Rodrigues Pinagé, 1953)



Imagem. À esquerda, pintura do Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia pertencente ao acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Pará e, à direita, jazigos de pracinhas no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, Rio de Janeiro.

Foto: Hilton P. Silva (2014)

Além de muitos elementos inéditos sobre a participação paraense em solo Europeu, da apresentação de diversas personagens da época, que agora poderão

ser conhecidas e estudadas por outros interessados no tema, do retrato vívido dos horrores cotidianos da guerra (atualmente repetidos nos embates na Ucrânia), dos acampamentos precários na neve e da situação das cidades por onde passou, o autor traz informações valiosas sobre a atuação dos profissionais e dos serviços de saúde durante o recrutamento e a campanha, material fundamental para os pesquisadores do campo de história da saúde.

Nesta versão digital o manuscrito foi transcrito e publicado na íntegra e não sofreu alterações textuais, exceto por revisões ortográficas e pequenos ajustes gramaticais, para se adequar às normas correntes da língua portuguesa e facilitar a leitura, sem mudar o sentido pretendido pelo autor.

A parte das referências ao final não existia na versão original e nem a relação dos companheiros em armas do praça Orestes no 4º Grupamento, que são acréscimos criados para esta edição digital.



Imagem. Montando Acampamento na Itália.
Pintura digital de Lucas Parolin de Souza.

Fonte: Silva et al., 2013.

Nas referências estão colocados alguns textos mais antigos e outros mais recentes sobre o tema, e também as obras citadas ao longo do livro. Algumas estão já digitalizadas e outras, espero, deverão ser também disponibilizadas online no futuro.

Como dentro de cada uma poderão ser encontradas diversas outras bibliografias, nossa expectativa com essa inclusão é permitir aos que somente agora começam a se interessar pelo tema, uma trilha segura por onde seguir para obter as informações básicas sobre a participação brasileira no maior conflito armado do século passado.

Pela maneira como chegou até nós, como páginas datilografadas, entregues ao amigo Antônio Batista de Miranda em 5 de maio de 1985, e resgatado enquanto “remexendo seus guardados” por seu filho Aristóteles Guilliod de Miranda, em 2022, diferente de outros diários e memórias, escritos por ex-combatentes principalmente para dar a seus familiares informações sobre um passado muitas vezes desconhecido das novas gerações, o relato de Orestes aparentemente foi escrito com o objetivo histórico de que a posteridade o lesse amplamente, e que seu depoimento fosse mais um instrumento de luta pela preservação e respeito à memória dos pracinhas e seus feitos.

É, portanto, uma honra para mim contribuir para que seus anseios sejam atendidos e a memória dos pracinhas paraenses, onde quer que descansem, jamais seja apagada.



Imagem. Mausoléu dos Pracinhas Paraenses no Cemitério de Santa Izabel, em Belém-Pará.
Foto: Hilton P. Silva (2014).

Ao contribuir para organizar e prefaciar este livro de memórias, agradeço ao Prof. Aristoteles, por compartilhar conosco seu “achado”, à Sra. Edna Volúzia Mourão Benchaya, filha caçula de Orestes, sua neta Elke Mourão Benchaya, co-organizadora, e seus familiares por permitirem a publicação dessas memórias e a cessão de algumas imagens para o livro.

Não poderia deixar de agradecer também à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Pará, por me permitir adentrar o mundo e as histórias dos pracinhas amazônidas há mais de uma década, ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), por me autorizar a representá-lo neste projeto, à Universidade Federal do Pará e ao Prof. Elton Vinícius Oliveira de Sousa pelo suporte ao resgate da memória dos participantes do Contingente da Amazônia, e a todos e todas que, voluntariamente, contribuíram para o êxito desta missão.

*Adeus, Pampa! Cochilas e garôas!
Adeus, formosa gleba tapajônica!
Adeus, Vitória-Régia da Amazônia!
Adeus, querida mãe! Adeus, meu lar!
Levo em meu flanco, desfraldada ao vento,
a imagem de vós todos, retratada
numa nêsga da Pátria imaculada:
- Meu Pavilhão que saberei honrar !*

O Escalão da Vitória
(Rodrigues Pinagé, 1953).

Brasília, 15 de março de 2022

(*) Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CEAM/UNB).
Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.
e fundador da Cadeira 52, patronímica do professor Eidorfe Moreira.

Prefácio da Edição Digital

Eu e a Força Expedicionária Brasileira

Elton Vinicius Oliveira de Sousa (*)

Eis que mais um Ex-Combatente Paraense ressurge!

Viva as memórias vívidas, naqueles sombrios dias durante a Segunda Guerra Mundial, registradas na máquina de escrever do nosso ilustre Orestes! Viva aos nobres pesquisadores brasileiros que se debruçam em causas honoríficas!

Registrar, tornar pública a memória de um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, parece-nos ser uma simples tarefa, mas essa ação significa tirar da gaveta, momentos sublimes de conversas entre familiares que foram repassadas à esposa, filhos e netos, guardadas com carinho por longos anos a espera de um simples folhear de páginas, mas ao olhar de historiadores, as nuances dos fatos marcantes, proporcionam entrelaçamentos que podem elucidar fatos, despontar novos horizontes de pesquisas e quiçá reconhecer o valor de um ex-combatente como é o caso do Orestes, um amazônida que agora seus finíssimos registros de memória, tomarão dimensões continentais.

Como um bom paraense o Orestes, além dos registros que marcam o seu ingresso no exército brasileiro, em que conta-nos como foi a convocação à Guerra até seu retorno à cidade das mangueiras, traz a tona memórias de convívio com autoridades da sociedade paraense daquela época, onde trabalhou como taquígrafo do jornal a Folha do Norte, revelando-nos sua coragem jornalística, expressando seu modo de pensar, naqueles momentos conflituoso da censura estabelecida entre o governo de Getúlio Vargas e intelectuais e jornalistas.

Estas memórias, denotam o quão o contingente amazônico que partira do estado do Pará, contribuiu com a manutenção da ordem nacional, no período da Segunda Guerra Mundial, isso tem grande relevância acadêmica e social, diante de falas que ignoram a participação dos pracinhas na Guerra, uma guerra que não se configurou classicamente nos campos de batalha da europa, como também nas capitais brasileira e nos mais distantes rincões brasileiros.

De tudo, que estas memórias e todas as publicações possíveis a respeito da participação dos paraenses na Guerra forem capazes de tornar públicas, espera-se que a história contada nos bancos das escolas tenham como referência também estes finíssimos relatos de homens que, fugindo de uma condição de vida precária, ingressaram nas forças armadas e participaram do maior conflito armado já vivido na era moderna.

(*) Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal
Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de
Estudos Bioantropológicos em Saúde e meio Ambiente (LEBIOS).

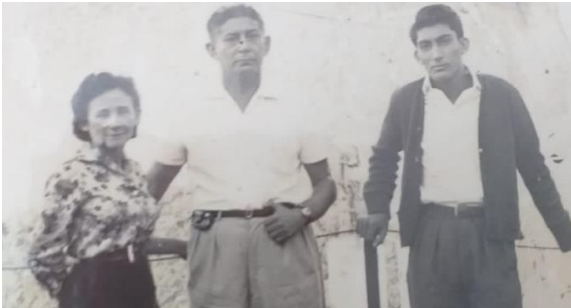
Prefácio da Edição Digital

Eu e a Força Expedicionária Brasileira

Elke Mourão Benchaya (*)

Vovô Orestes nasceu do dia 1º de Janeiro de 1916 em Belém do Pará e viveu toda a sua vida lá, apenas com exceção do tempo em que esteve na Itália, integrado à Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial (20 de Dezembro de 1944 a 17 de Setembro de 1945).

Na minha infância e adolescência sempre frequentei muito a casa dos meus avós, toda a semana e finais de semana. E foi muito presente na casa dos meus avós o assunto e respeito sobre a participação dele naquela guerra mundial.



Vovô Orestes tinha uma personalidade muito forte, firme, exigia de nós netos muita educação e respeito, e sempre na hora de assistir ao Jornal na televisão exigia de todos os presentes absoluto silêncio (na foto ao lado, estão vovô Orestes ao centro, tia Rose à esquerda e tio Orestinho à direita).

A atmosfera dentro da casa dos meus avós, vovô Orestes e vó Mary, era sempre ao fundo de músicas clássicas, gênero musical único, nem um outro além desse. Minhas tias Rose e Martha tocavam piano e ele sempre valorizou muito isso.

Outra marca importante nas nossas vidas, no convívio com o vovô Orestes, era a importância pela noite de Natal (vide foto ao lado).

Como um lar cristão, ele e minha vó, ambos nascidos na Igreja Batista, faziam questão que celebrássemos em família o nascimento de Jesus.



A mim era pedido, inclusive, que organizasse o evento na forma de ter sempre uma apresentação da cena do nascimento de Jesus (eu dirigia meus primos como os atores da cena), ou um coral com música cristã natalina, ou uma passagem bíblica. E ele sempre me cobrava para que nenhum ano “passasse em branco” (na foto ao lado, eu à esquerda e vovô Orestes ao centro durante uma celebração de natal).

Meu avô Orestes nos deixou prematuramente em 29 de Julho de 1989, aos 73 anos. Seu enterro foi repleto de homenagens, particularmente as atribuídas pelos seus companheiros da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Pará, entidade que ele ajudou a fundar e valorizou por toda a vida em nome dos valores da Liberdade e da Democracia defendidos na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

(*) Neta de Orestes Barbosa Mourão. Arquiteta pela Universidade Federal do Pará e pós-graduada em Administração de Empresas pela PUC de São Paulo.



O BRASIL EM GUERRA

No decurso da Segunda Grande Guerra Mundial, desencadeada em 1º de setembro de 1939, o Brasil, através de decreto assinado em 22 de agosto de 1942, pelo Presidente Getúlio Dorneles Vargas, declarou guerra à Alemanha e à Itália.

O nosso país, neutro desde o começo da monstruosa catástrofe de iniciativa do ditador Adolf Hitler, com a invasão da Polônia, tomou a extrema decisão, atendendo aos clamores de nosso povo, indignado com o torpedeamento, por submarinos alemães, no nosso litoral, de vários navios mercantes nacionais que navegavam em missão pacífica, pois transportavam apenas passageiros e cargas.

Em consequência dos criminosos atentados à nossa soberania que levaram a morte a centenas de irmãos indefesos, inclusive crianças, a nação brasileira manifestou veemente repulsa: o povo, em justificada fúria, impôs pesados sacrifícios a alemães e a italianos residentes no país.

Como resultado do revide, estabelecimentos comerciais, industriais e escolares alemães e italianos foram invadidos ou transformados em escombros causados por incêndios. Do repúdio não escaparam muitos lares ou, em plena via pública, nazistas e fascistas, inclusive brasileiros com tendências às causas da Alemanha de Hitler ou da Itália de Mussolini. O primeiro, já no fim da guerra, suicidado com um tiro no ouvido, em Berlim e, o segundo, dias antes, enforcado em Milão.

Os brasileiros com essa impatriótica inclinação formavam a Quinta Coluna, organização que se prestava a fornecer informações ao inimigo sobre o que interessasse à Alemanha e à Itália, especialmente dando-lhe a posição de nossos navios mercantes.

Dos acontecimentos participou a cidade de Belém. Povo pacato, de boa índole, o paraense, entretanto, foi às ruas manifestar em fúria o seu descontentamento e sede de vingança.

Declarado o estado de guerra, uma providência se tornava imperiosa: a organização de um corpo expedicionário, a fim de que o nosso país não apoiasse as Nações Aliadas somente através de gestos de simples solidariedade ou de simpatia. Era necessário que tais gestos se tornassem palpáveis, mas não somente com o fornecimento de materiais indispensáveis ao arsenal de guerra de que tanto precisavam os Estados Unidos, o Brasil, particularmente a Amazônia, já concorria com apreciável quantia de borracha, matéria prima

imprescindível ao esforço de guerra. Em 9 de agosto de 1943, através da Portaria Ministerial (de Guerra) n.º 4744, era criada a **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**.

Não me cabe entrar em pormenores sobre o que foi a FEB força constituída de uma divisão de Infantaria, tendo a comandá-la o general-de-divisão João Batista Mascarenhas de Moraes.

A Força Expedicionária Brasileira desempenhou destacado papel na extensa área que lhe foi confiada no território italiano.

A FEB, integrada por 25.344 homens corajosos, decididos e capacitados de sua perigosa e nobre missão e por um seleto grupo de dedicadas enfermeiras, tinha também a participação dos generais Oswaldo Cordeiro de Farias e Falconiere da Cunha, que nos setores especializados tudo deram de sua larga e invejável experiência para que representássemos condignamente o Brasil na guerra que destruiu dezenas de importantes cidades, afundou milhares de embarcações, pulverizou milhares de aldeias e causou a morte de aproximadamente sessenta milhões de seres humanos.

Da FEB, com indesmentível bravura, participou também o general de brigada Euclides Zenobio da Costa, Comandante da 1ª Divisão de Infantaria.

Eis que a Força Expedicionária Brasileira se constituiria de outras divisões, o que não se concretizou em virtude da aproximação do término da guerra, o que ocorreu em 8 de maio de 1945.

A ATUAÇÃO DA FEB E A 2ª GRANDE GUERRA MUNDIAL

O que foi a FEB e o que aconteceu na Segunda Grande Guerra Mundial é obra de fôlego já consubstanciada em livros de abalizados escritores e historiadores e em publicações oferecidas por elevado número de correspondentes de guerra.

No que se refere ao Brasil, cito, por exemplo, A FEB PELO SEU COMANDANTE, de autoria do marechal Mascarenhas de Moraes, em cujas memórias, outro importante trabalho, dedica vasto material à nossa participação no conflito que se revestiu de indescritível crueldade.

Menciono, também, a obra intitulada MEIO SÉCULO DE COMBATE, da lavra do general Cordeiro de Farias. Lembro, ainda, A VERDADE SOBRE A FEB, fruto da experiência do marechal Floriano Lima Brayner.

A FEB NA ITÁLIA, obra que escrita pelo jornalista Rubens Braga, um dos nossos correspondentes de guerra, enriquece a História da FEB.

ELES NÃO VOLTARAM, do veterano Jamil Adad, relata, entremeados de poesias, acontecimentos que enaltecem a Força Expedicionária Brasileira.

DUAS GUERRAS DA FEB, publicação na qual Joel da Silveira, outro nosso correspondente de guerra, fala da FEB no poder e da nossa ação na linha de frente.

QUEBRA CANELA é outra obra de grande valor histórico, na qual o general Raul da Cruz Lima Júnior descreve lances emocionantes e a nossa travessia do Atlântico.

Em DIAS DE GUERRA NO ATLÂNTICO SUL, o general Paulo Queiroz Duarte nos mostra o que de sacrifício foi imposto à nossa disciplinada Marinha Mercante e o que de bravura mostraram os homens da Marinha de Guerra do Brasil.

Duas obras de grande valor incluem neste modesto trabalho. Relatam-nos a preparação dos pilotos da Força Aérea Brasileira (FAB) e a corajosa atuação dos nossos aviadores que, nos céus da Itália, muito contribuíram, de forma elogiosa, para a derrota do Nazifascismo.

Refiro-me as publicações AVESTRUZES NOS CÉUS DA ITÁLIA, esta sem autor; e SENTA A PUA, de autoria do coronel-aviador Rui Moreira Lima.

Cito, também, o interessante trabalho TRINTA ANOS DEPOIS DA VOLTA, de autoria de Octávio Costa. Outros trabalhos altamente expressivos, inclusive pronunciamentos de parlamentares, apreciam e enaltecem a FEB sob os mais variados aspectos.

Inscrevo, por exemplo, XAVANTES NA ITÁLIA, do general Mário Fernandes; CEM VEZES RESPONDE A FEB, do general José Machado Lopes; A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL, do veterano José Juarez Brito Pinheiro; MENSAGEM AOS JOVENS DE CORAÇÃO, da tenente-enfermeira Jandira Faria de Almeida; VIVÊNCIA DE UM EX-CAPELÃO DA FEB, do padre Jacob Emilio Schneider S.J.; A EPOPÉIA NOS APENINOS de José de Oliveira Ramos e A LUTA DOS PRACINHAS de Joel Silveira e Tassilo Mitke.

É bem possível que outros importantes trabalhos existam sobre a FEB.

Como homenagem a Rodrigues Pinagé, o Príncipe dos Poetas Paraenses, assinalo, com merecido destaque, a poesia intitulada O ESCALÃO DA VITÓRIA.

Nela, sentimos a alma do poeta, que soube dizer, com elevada expressão, do patriotismo dos heróis de Força Expedicionária Brasileira.

A revista O FEBIANO é outra importante publicação.

A revista O EXPEDICIONÁRIO oferece-nos suas colunas para as justas reivindicações e reminiscências dos ex-combatentes do Brasil. O nosso grande órgão de divulgação, trazendo em suas páginas incisivos comentários de Dalton Feliciano Pinto.

Por fim, e com grande honra que transcrevo, por se tratar de conceitos emanados de um herói do nosso tenaz e admirável adversário, do Exército Alemão, as seguintes palavras:

Nesse meio tempo, porém, o Brasil havia entrado em guerra contra Alemanha, e o governo brasileiro estava firmemente disposto a tomar parte ativa na luta: contra as tropas alemãs e não deixar a declaração de guerra somente no papel. Assim, em fins de julho de 1944, desembarcou primeiro contingente da FEB no Teatro de Operações de Guerra da Itália, entrando em

ação na última semana de agosto seguinte. Sob o comando do general-de-divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, foi instalado o quartel general em Vada. O general Clark, comandante do V Exército (referindo-se aos Estados Unidos) recebeu, com especial atenção, essa tropa do novo aliado americano. Sua principal preocupação era a de familiarizar, cuidadosamente, as unidades brasileiras com as condições do teatro de operações italiano e com os avançados métodos de guerra alemães, dando aos brasileiros um treinamento que os pudesse por em igualdade com os alemães. Sabe-se que não é fácil, para uma tropa não acostumada ao combate, ter que lutar contra veteranos experientes, como os das divisões e regimentos alemães na Itália. O soldado brasileiro, no entanto, mostrou extrema boa vontade e satisfação, demonstrando, juntamente com os seus oficiais uma grande vontade de lutar.

O coronel Rudolf Böhmeler, oficial alemão que combateu nas batalhas de Monte Cassino, na Itália, refere-se, com muita propriedade, na sua obra MONTE CASSINO, aos soldados integrantes da Força Expedicionária Brasileira.

Cabe-me, como já assinaei, cingir-me à minha convivência na FEB, e o faço a partir da minha primeira convocação.

A PRIMEIRA CONVOCAÇÃO

Ocorreu em 1943. Não tenho lembrança do mês e do dia.

Portador do Certificado de Reservista de 2ª Categoria No 32.574, fornecido pela 8ª Região Militar, comparecia a 28ª Circunscrição Militar, localizada na Avenida São Jerônimo, hoje denominada Governador José Malcher. Com a apresentação da Certidão de Casamento, fui dispensado temporariamente. Aguardei a segunda convocação.

A SEGUNDA CONVOCAÇÃO

Depois de duas prisões, incomunicáveis ordenadas pelo então interventor federal no Pará coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, pelo pueril motivo de eu haver taquigrafado alguns discursos por ele pronunciados e posteriormente publicados no jornal FOLHA DO NORTE, eu era intimado, certa noite, a ir a presença daquela autoridade, em seu Gabinete, no Palácio do Governo.

A intimação foi feita através do Dr. Bastos Filho, chefe de Gabinete da Interventoria. Era motivada pela minha teimosia em persistir no cumprimento de minhas obrigações profissionais.

Aconteceu nas proximidades da estátua do general Gurjão, na Praça Pedro II. Eu acabava de taquigrafar mais um discurso do coronel Barata, que naquela ocasião havia sido homenageado por um grupo de revolucionários de 1922.

Na presença do Interventor, esse, com dedo em riste, como era de seu feitio, quase esfregando-o no meu nariz, perguntou-me com arrogância:

- É você o taquígrafo da FOLHA?
 - Perfeitamente, Coronel. Cumpro o meu dever. - Foi minha resposta
 - Gostei de ver, caboclo. Quer trabalhar comigo?
- Era um convite. - Desde já, Coronel.

No dia seguinte, 7 de março de 1943, eu deixava o cativoiro daquele jornal e passava a trabalhar no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), cuja finalidade era censurar toda e qualquer publicação, mesmo de anúncios, e endeusar as autoridades, que nos governavam sob o regime ditatorial, com cheiro de Nazifascismo.

Nos meses de outubro e novembro havíamos sofrido forte. Porém, o dia 9 de dezembro de 1944 amanheceu chuvoso. E estiagem. Foi debaixo de chuva, embora fina, que deixei minha residência, na Rua 28 de Setembro, Nº 198, quase na Avenida Presidente Vargas, rumo ao centro de minhas atividades, o DEIP, instalado no primeiro pavimento do EDIFÍCIO BERN, naquela avenida, esquina com a Rua Aristides Lobo.

A minha função era a de taquígrafo, para cujo exercício havia material abundante, tais as homenagens prestadas ao Interventor, aliás muito querido pelo povo paraense.

Às dez horas já era intenso o movimento naquela repartição repressora do pensamento, pois vivíamos sob a vigilância da ditadura do Presidente Vargas. No DEIP pontilhava o dinamismo do vaidoso Dr. José Cardoso da Cunha Coimbra, o diretor geral.

Relembro uma ocorrência, já que é citado o nome daquele diretor: certa manhã, mandou que eu datilografasse um contrato para ser assinado entre o DEIP e o cantor lírico Vicente Celeste.

Na hora da assinatura, o Dr. Coimbra notou que o grifo da palavra Contrato tinha um espaço a mais, o que foi o bastante para me tratar grosseiramente na presença daquele artista, que se fazia acompanhar da encantadora esposa, a cantora Gilda de Abreu, e cujos olhares deixavam transparecer a injustiça de que eu estava sendo vítima. Era a solidariedade no silêncio.

Outro acontecimento: o Dr. Coimbra, mastigando um charuto havaiano, recebia um telefonema de meu prezado amigo Adolfo Pereira de Barros, da FOLHA DO NORTE, pedindo detalhes sobre meu falecimento, pois estava de posse de um aviso-fúnebre que o Maurício Queima Coelho de Souza, chefe do Expediente, havia mandado para publicação naquele jornal. O aviso não passava de simples brincadeira do colega.

No exercício de minhas atividades, todos os dias eu tinha que conferir a matéria que, resultante dos meus apanhamentos taquigráficos, houvesse sido levada aos jornais da cidade. Naquela manhã de 9 de dezembro de 1944 eu iniciava a leitura do jornal FOLHA DO NORTE. Não passei, todavia, da 1ª página, pois nela estava inserido o aviso intitulado "Sentido!"

Era a 8ª Região Militar convocando os reservistas de 1ª e 2ª categoria de várias classes, inclusive a 1916, ano do meu nascimento.

Confesso que fiquei preocupado. Milhares de brasileiros já se encontravam nos campos de batalha no território italiano.

A família brasileira já lamentava ferimentos e mortes de vários de nossos soldados. Por que então duvidar de que havia, finalmente, chegado a minha hora? A minha preocupação, todavia, era atenuada, pois o meu aspecto físico estava bem longe do exigido para eu ser considerado em condições para a luta encarniçada que já se travava.

Avisei ao Dr. Cunha Coimbra que eu ia me apresentar, de vez que estava sendo convocado para a guerra. Chegou mesmo abrir cara comigo; Vai, Mourão, pois a tua morte já foi anunciada por antecipação.

A minha decisão foi um impacto entre os colegas.

Os mais idosos lamentavam, pois com a minha apresentação eu estaria correndo o risco de ser envolvido na grande guerra. Outros, mais novos, jovens ainda, talvez por não terem sido atingidos pela convocação, procuravam fazer com que eu conservasse alevantado o moral. Deles eu ouvia palavras confortadoras.

Deixei a repartição e fui à 28^a Circunscrição Militar. Nunca mais voltaria às minhas atividades naquele departamento, onde, na minha vida produtiva, auferia, embora reduzidos, recursos indispensáveis à manutenção da família: Mary, esposa; Edson e Vatutin, filhos.

O primeiro já dava os primeiros passos. O segundo apenas engatinhava. Faleceu quando eu estava na Itália. O sepultamento ocorreu no dia em que eu, ignorando o acontecimento, deleitava-me em um cinema da cidade de Pistóia, assistindo a um filme com Tito Guizar.

Antes de chegar ao meu destino, encontrei-me com alguns conhecidos. Uns me aconselhavam que eu deixasse o tempo correr.

Outros, ciosos do dever, eram de opinião que eu me apresentasse.

Considerarei que a apresentação era o correto. Antes, porém, de prosseguir a caminhada, fui ver a família, à qual participei a situação em que eu me encontrava. A fisionomia de todos, inclusive a do bom amigo Mario Borba, mergulhou em profunda tristeza.

Ao lado da tristeza causada pela notícia estava a incerteza. Se eu fosse para a guerra, o que ocorreu poucos dias após, ficaria sepultado no campo da luta ou voltaria triunfante? Depois do almoço dirigi-me à 28^a Circunscrição Militar, onde cheguei antes das treze horas.

Mantinha a esperança de que seria dispensado, em virtude da minha condição de casado e de ser pai de duas crianças, das quais exibimos registros de nascimento. O acolhimento as minhas ponderações foram implacáveis: - Você está convocado. Ainda hoje irá para o quartel - foi a sentença.

Eu e tantos outros, não dispendo de prestígio, permanecemos no local até as dezessete horas. Dali prosseguimos a pé pela Avenida São Jerônimo até a Travessa 14 de março. Por esta, caminhamos rumo ao quartel do 34^o Batalhão de Caçadores (34^o BC), ao lado da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré.



NO QUARTEL DO 34º BC

A impressão que tive, ao penetrar no quartel, não foi das melhores, não pelas dependências da unidade, mas pelas fisionomias, que me pareciam patibulares, daqueles que já se encontravam seguros de que ficariam gozando as delícias da distância do "front" italiano. Foi sem nenhuma alimentação, sofremos, em pé, as cansativas e paulificantes chamadas, tormento que só terminou lá pelas dez ou onze horas da noite.

Depois da última chamada foi dada a ordem de saída, com a recomendação de que todos, no dia seguinte, estivessem presentes às seis horas da manhã.

Na hora determinada eu havia retornado ao quartel.

Por falta de organização ou pela suspeita de possíveis deserções, era recomeçada a série de chamadas. Se alguém deixava de responder, tudo recomeçava.

Algumas das chamadas eram feitas por um aspirante conhecido por Melo, aliás muito prepotente. Não foi para a guerra. Não demonstrava qualquer gesto de pessoa humanizada. Olhava com desprezo os seus subordinados. Era o exemplo da maioria dos graduados da época, tão diferentes dos da atualidade, quando os oficiais mais se identificam com os inferiores.

Aproximava-se, assim, o meu ingresso na Força Expedicionária Brasileira que, ao lado das demais Nações Aliadas, já se encontrava em país distante, dando exemplos de bravura.

OS EXAMES DE SAÚDE

Aprestava-se o dia dos exames de saúde. As caminhadas foram longas. Salvo algumas exceções, o grosso da tropa era constituída de jovens paupérrimos e cuja pobreza era refletida no uso de tamancos.

Não havia escalonamento para os exames. Não havia grupos organizados. Em dias sucessivos fazíamos o mesmo percurso, que ia do quartel, na Praça Justo Chermont, ao Hospital Militar, na Praça Brasil.

Alguns jovens eram portadores de moléstias comprometedoras para o contingente em formação o Contingente da Amazônia.

A maioria, como eu, era carregada de compromissos na vida civil para o sustento de suas humildes famílias.

O hospital assemelhava-se, sob certo aspecto, ao Quartel.

Se no quartel um rato apodreceu nas proximidades do refeitório, nas áreas não construídas do hospital os formigueiros submetiam-nos a verdadeiras provações. Tudo isso me dava a impressão de que fazia parte dos sofrimentos próprios da guerra que eu enfrentaria mais tarde do outro lado do Atlântico.

Cansado e invadido pela incerteza, eu esperava ansiosamente o dia em que eu seria examinado. Tinha a impressão de que não iria para a guerra, pois não estando conscientizado do papel que eu deveria desempenhar, o meu desejo era não ir mesmo para a guerra.

Chegou, afinal, o dia 14 de dezembro de 1944.

Às cinco e meia da manhã, depois de enfrentar uma forte chuva, postava-me, em companhia de centenas de companheiros, em frente ao quartel.

Depois de três chamadas e atormentados pela chuva, seguimos a pé rumo ao Hospital Militar.

Ressalto que alguns viajaram de bondes e outros utilizaram automóveis de pessoas conhecidas ou daquelas que desejavam colaborar com os que, em seu lugar, se aprestavam para participar da grande guerra.

O espetáculo que observei naquela manhã, durante percurso pela Avenida Generalíssimo Deodoro, era deprimente.

O matraquear de centenas de pares de tamancos era como que a convocação das famílias para assistirem, das janelas das casas residenciais, ao desfile de jovens, dos quais muitos experimentariam no próprio pelo os horrores da guerra.

Era como que simbolizando em cores vivas o desconforto em que viviam e ainda vivem milhões de brasileiros, tudo por culpa do mal dirigido regime capitalista e do impatriotismo de homens de Governo que dilapidam a riqueza da Pátria.

Era a marcha de centenas de jovens que, na sua simplicidade, juntar-se-iam, muitos deles, aos que em terra distante do solo brasileiro lutavam para o extermínio do nazifascismo.

Um fato me chamou a atenção: pessoas que transitavam na avenida chamavam-nos de tolos, de burros e de bestas. Diziam: virem-se como outros estão fazendo. A guerra é feia. Talvez a conclamação fosse de membros da Quinta Coluna, organização que muito facilitou a ação nazifascista no Brasil.

Decorridos quase quarenta anos, relembro a viração, que foi algo impressionante, nos dias que antecederam ao nosso embarque para a cidade do Rio de Janeiro.

Ao chegarmos ao Hospital Militar, os comentários surgiam, as opiniões eram chocantes. Eu não posso ir, porque não tenho boa dentadura, diziam uns.

Eu também não vou, pois sou casado, acrescentavam outros.

Eu nada dizia, porquanto a não ser o meu porte franzino e a condição de casado pai de dois filhos, aparentava boa saúde. Ficava pensando: será que homens doentes vão para a guerra?

Os exames realizados à tarde foram atabalhoados, levando-me a pensar que todos seriam examinados naquele dia.

Do meio daquelas centenas de jovens era comum a afirmativa de que os ricos não iriam para guerra, fato que foi comprovado posteriormente.

Qual o paraense rico ou abastado, para ser mais realista, que tomou parte da Força Expedicionária Brasileira? Quem poderá revelar pelo menos um nome de "filho de papai" que tenha ido combater na Itália?

A impressão que tive foi a de que aquele amontoado de gente estava ali contra a vontade, encontrava-se ali empurrado.

Ponho em destaque, entretanto, nesta narrativa, rapazes da têmpera de Cleo Bernardo de Macambira Braga, de Lelio Pacheco de Oliveira, de Antônio Comaru Leal, de Pirunci Gomes de Castro e de Severino Lira Neiva, que seguiram como voluntários.

Foi o que foi dado a conhecer após meu regresso ao Brasil. Não os vi no meu quartel. Creio que pertenciam a outras unidades, como o hoje tenente-coronel Raymundo Delzuith Oriente Genu, do 26º Batalhão de Caçadores.

Este último, voluntário da FEB, preside, com patriotismo e devotamento, a Seção Regional do Pará da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil.

Fora do hospital sofríamos, desde cedo, a martirizante espera pelos médicos. Tínhamos por abrigo o terreno encharcado pela chuva.

Éramos queimados pelas formigas, que aumentavam o nosso sofrimento. O teto era aquilo que a Natureza dá-nos, infinito.

Causticava-nos, depois da chuva, o sol impiedoso do Norte. A perseguição das chamadas passou a imperar no hospital. Organizadas as filas, estas eram logo desfeitas pelo ataque das formigas.

Com a fome a devorar-me, fui, ao cair da tarde, submetido aos exames, um dos quais me pareceu estranho: o de garganta. Apesar de eu não haver abrindo a boca, o laudo médico considerou-me em condições perfeitas.

Em tributo à verdade, ponho em evidência o cuidado revelado pelo Dr. Antônio Ferro, ao examinar-me os dentes.

Do que me foi dado a observar, pelo menos naqueles minutos, foi o único que, da Junta Médica, levou a sério os exames.

Para que se tenha ideia da irresponsabilidade no decorrer dos exames, basta este exemplo: para ser submetido ao de urina, havia necessidade, é claro, de urinar.

Naquele momento não tive possibilidade de fazê-lo. O enfermeiro, quase me ordenando, disse que eu desse meu jeito. Era impossível.

A fim de não perder tempo, levou o problema a um oficial-médico. Resultado: a ficha era preenchida como se eu houvesse sido examinado.

Fui ao Raio-X. Faltou energia elétrica, que, aliás não constituía problema, pois, pelo meu aspecto, encontrava-me em boas condições.

Outros pelos exames foram realizados.

Cumprida, a qualquer custo, aquela formalidade, eu, a exemplo de muitos ou mesmo de todos, não posso afirmar, era dado como apto para seguir para a FEB. A negligência foi a causa do embarque de homens portadores de sarna e de outras doenças transmissíveis.

MAIS UMA VEZ EM CASA

A minha prolongada ausência de casa era encarada com muita preocupação pelos meus familiares.

Às vinte horas eu estava de regresso.

Jantei. Entrei em vigília, pensando no futuro do Edson; do Vatutin, que faleceu quando eu me encontrava em Pistóia; e de mais alguém em formação no ventre da Mary e que nasceu mais tarde, quando me encontrava no Teatro de Operações de Guerra: Dora Volusia. Ela já era a encantadora Volusia.

NOVAMENTE NO QUARTEL

Na manhã seguinte apresentei-me novamente ao quartel, onde continuei sofrendo o martírio das repetidas chamadas. Foram tantas, que só terminaram depois das dez da noite.

Houve, nesse dia, permissão para que almoçássemos fora do quartel. A liberação, porém, só ocorreu às doze horas e minutos, com a ordem de retorno uma hora após. Muitos preferiram permanecer no quartel, sujeitando-se ao almoço que mais babugem para porcos parecia

Ao escrever este relato, parei com o desejo de não me reportar a essa ocorrência. Mas como esconder a verdade? Seria trair a própria consciência. Cansado e cheio de preocupações, deixei o quartel, que se assemelhava a uma casa de loucos, tal a arrogância com que éramos tratados.

Diante de tão curto tempo, não me foi possível almoçar, mesmo tendo ido a minha casa, onde só tive o ensejo de rever os familiares.

Os futuros Heróis da Pátria, com raríssimas exceções não eram tratados como seres humanos. Tinham, e não é força de expressão, a vida de cães-sem-dono. Quem poderá contestar-me? Eu, felizmente, era uma das exceções. Dispunha de bons contatos militares fora do quartel.

OS APROVADOS NOS EXAMES DE SAÚDE

Depois do martírio das chamadas, que já pareciam intermináveis, um silêncio tumular desceu sobre todos nós. Era grande a expectativa, pois terminado um lanche, chá e pão sem manteiga, fomos avisados de que seria lida a lista dos aptos para o embarque.

É claro que, não sendo eu voluntário, torcia para que o meu nome não estivesse relacionado. Enfim, eu era chamado. Estava selada a minha sorte.

Depois da chamada, pais, mães, esposas, noivas e filhos dos convocados tiveram permissão, pela primeira vez, para penetrar no quartel.

O alvoroço dominou o ambiente. Naquela visita, que logo foi cancelada, poucos parentes se encontraram.

Éramos, logo após, chamados a comparecer a uma pequena sala de fraca iluminação. Um graduado fazia as anotações de conformidade com as respostas que recebia. Estávamos apresentando os nossos testamentos.

Do meu não constava nenhuma herança para a família, no caso de eu morrer. Nem funcionário estável eu era. Simplesmente um contratado com vigência até o último dia de 1944.

No dia seguinte, visitei novamente a família. Dei-lhe a dolorosa notícia de que eu havia sido considerado apto para ingressar na Força Expedicionária Brasileira e de que já havia assinado meu testamento.

É fácil imaginar o impacto causado. Todos me abraçaram e prometiam que pediriam a Deus para que eu voltasse. Fui ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DEIP) dar o meu adeus aos que ficavam, idosos e jovens.

Depois do almoço regressei ao quartel, onde permaneci até as primeiras horas do dia 21 de dezembro, data do embarque.

Nesse interregno, não fosse a bondade de familiares tão queridos, eu teria passado fome, pois as refeições do quartel não eram dignas desse nome.

AS REFEIÇÕES NO QUARTEL

As refeições consistiam do café da manhã, do almoço, do jantar e, à noite, de um lanche (cha e pão sem manteiga como café da manhã).

O café, alias sem leite e da pior qualidade, era servido com um pedaço de pão sem manteiga. Tanto o café como o lanche eram servidos ao relento, não ser em caso de chuva.

Feijão, arroz, um pedaço de carne com glândula e sebo, e uma banana eram o almoço e o jantar. Nada mais, a não ser farinha ou pão. Os alimentos, sendo de péssima qualidade, eram intragáveis.

As refeições eram sempre precedidas das causticantes e desnecessárias chamadas, o que ocorria geralmente uma hora antes de nossa entrada no repelente refeitório.

Enquanto as chamadas se repetiam, centenas de pratos de flandres eram colocados sobre as mesas. Cada prato era acompanhado de um talher. Nos pratos eram colocados, por uma turma de soldados do batalhão, as refeições.

Em consequência da formalidade das chamadas, quando se penetrava no refeitório a comida estava fria, sempre com a presença de moscas, algumas já mortas. Não havia higiene.

CAMARADAGENS

Faço justiça ao subcomandante do batalhão, capitão Edgard Maranhão, e ao tenente Iran Loureiro. Muito me confortaram. Aqui, a minha gratidão ao cabo Pedro Frota, o Sulira, meu companheiro de infância nas brincadeiras de rua. O tenente Atayde foi maravilhoso. Confidenciou-me o dia e a hora do nosso

embarque, segredo que nunca revelei, nem mesmo para a minha família. O subtenente Luciano sempre procurava transmitir-me mensagens de confiança.

A DESPEDIDA

Chegou, finalmente, o dia 21. O capitão Maranhão chamou-me para dizer que eu estava de folga, mas que eu estivesse de volta às dezoito horas, pois a permissão era concedida pela confiança que tinha em mim.

Nada me revelou de concreto, deu-me a entender, porém, que o embarque seria à noite. Rumo ao lar, o meu pensamento não voltava ao passado.

Estava aferrado ao drama da despedida, o que ocorreria ao cair da tarde.

Avistei-me com a família já desfalcada de minha querida e cuidadosa mãe. Há um ano, após o Natal, havia entregue a bondosa alma aos braços eternos do Senhor. Deus me abençoou com a sentida ausência, pois o drama seria demais comovente.

Seria pintado o quadro da minha partida para a guerra, quadro que poderia ser intitulado O HERÓI E A LÁGRIMA, legenda que encontrei estampada em um jornal exposto no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

Entrei sorrindo em minha casa. Parecia impelido por estranha força para consolar os que por mim ficariam orando.

Não me recordo das conversas que mantivemos naquele dia.

Certamente se limitavam as esperanças de meu retorno da cidade do Rio de Janeiro.

Perguntaram-me o que eu desejava almoçar e jantar. Carne de porco, foi a resposta. As últimas horas daquela, tarde bem triste eu vestia meu barato paletó de listras. Era o início da separação. Devo asseverar que ninguém resistiu a emoção.

Se dissesse o contrário, estaria fugindo da verdade. Não fosse forçada a expressão, eu diria que houve um caudal de lágrimas sobre meus ombros. Deixava cair minhas lágrimas sobre o Edson (Pinoco) e o Vatutin (Vatuca).

Segui a minha rota, sem forças para volver os olhos para aqueles que me acompanhavam de longe, até que eu fosse perdido de vista. Eu desaparecia. Para breve? Para sempre?

Meu destino: o quartel, onde se despediram de mim os militares que me haviam dado atenções. Dava eu cumprimento a palavra de que voltaria na hora estabelecida pelo capitão Maranhão.

SAÍDA, DO QUARTEL, PARA O EMBARQUE

Alguns caminhões deram entrada no pátio do quartel. A tristeza da partida foi suavizada por uma salva de palmas, pois era chegada a hora em que nos libertávamos de presenças que marcavam com manifesto desprezo.

Não incluo no conceito a totalidade de nossos superiores, por enquanto havia exceções. Havia superiores cativantes, do que davam testemunho vários companheiros.

Apesar do sigilo necessário para o embarque, essa medida de segurança foi quebrada. As praças Justo Chermont e da República e as avenidas Nazaré e Quinze de Agosto, esta última hoje denominada Presidente Vargas, tinham suas calçadas lotadas de populares.

É bem possível que muitos jovens protegidos de alguém lá estivessem. Não participariam da guerra que abalou mundo. Não iriam ser considerados heróis, qualidade que passaram a reivindicar sem merecimento, vergonhosa e indignamente.

O espetáculo era comovente, comovente mesmo. Palmas, lenços e lágrimas davam corpo à despedida dos paraenses que partiam para a formação da gloriosa Força Expedicionária Brasileira.

Para registro, é triste relatar que a viatura que ocupei estava suja de escamas e de guelras de peixes. Pertencia à Companhia Industrial de Pesca (CIP). Fomos, eu e outros companheiros, jogados naquela espécie de lixeira, como se nada valêssemos. Estávamos, finalmente, no cais do porto, para embarcar no navio CUIABÁ.



A BORDO DO CUIABÁ

Os futuros expedicionários ficaram estacionados no local em que se encontrava atracado o navio.

Um dos companheiros, o Libório, embriagadíssimo, deitou-se sobre o meu saco de bagagem, causando o derramamento de meu doce de goiaba feito a capricho. Além do desperdício do presente, tive a lamentar a lambuzeira em que ficaram algumas peças de roupas. A guerra, entretanto, seria pior.

Era dado início ao embarque.

No portaló do navio encontravam-se algumas autoridades.

A senhora Carmen Ribas de Farias, na época presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), assistia a distribuição de pequenas medalhas, não sei de que metal, com a gravura de Nossa Senhora de Nazaré.

Dos fotógrafos presentes, inclusive do DEIP, não me beneficiei, talvez por não dispor de prestígio de covardes para um instantâneo que me servisse de recordação. Onde estava a consideração do diretor geral do DEIP?

Começávamos, agora, a segunda fase da guerra no território brasileiro. A primeira foram a incompreensão e o desprezo de parte de certos graduados. Deixo de citar os nomes, por desconhecê-los.

Em que consistia a segunda fase da guerra no território brasileiro, ainda no Para? Consistia na tomada, no peito e raça, de uma esteira que serviria de cama. Não havia ordem para a distribuição.

Do que observei, o número de esteiras era insuficiente. Realmente, no porão onde fiquei alojado era comum uma esteira servir para dois.

Além da busca das esteiras, dávamos início a outra luta que era a obtenção de um colete salva-vidas. Não sei se todos nós recebemos essa proteção indispensável para viagem tão perigosa.

Dizer-se que as esteiras não eram em número suficiente é dar testemunho da amarga realidade.

Porém, se os salva-vidas não eram, também, em número suficiente, seria o cúmulo da falta de responsabilidade, o que seria odioso, de vez que se tratava de nossa segurança no caso de torpedeamento.

Vi, no decorrer da viagem, companheiros sem salva-vidas.

Não sei a que atribuir: se por não os ter recebido ou por desleixo do próprio soldado, qualidade comum entre os brasileiros, mesmo em ocasiões que exigem alto senso de responsabilidade.

Alguns tiveram acomodações melhores. Utilizaram-se de camarotes. Talvez em função dos postos na hierarquia militar, ou por simples camaradagem, o que não é motivo de censura, de vez que ninguém foi desalojado em benefício de outrem.

A VIAGEM PARA O RIO DE JANEIRO

Ao amanhecer, estávamos em frente à ilha do Mosqueiro. Creio que o pensamento de todos era um só: a família, a cidade, a ida para o desconhecido, vontade do retorno, a casa, as pessoas conhecidas e os ambientes onde havíamos, dias antes, exercido nossas atividades.

Às nove horas da manhã, se não me trai a memória, o velho barco levantava a âncora e dava prosseguimento à viagem ainda em águas trambicas.

Mosqueiro ia, aos poucos, afastando-se de nossa vista. Desaparecia na distância. O navio cada vez mais ia deixando a costa. Daí a poucos estávamos em pleno oceano.

Ao lado esquerdo, nada à vista. Além do desconforto da dormida, as refeições eram, como as do quartel, de péssima qualidade, como péssimo também era o café, sempre acompanhado de um pedaço de pão sem manteiga.

Recebemos um prato de flandres, uma caneca e uma colher de alumínio, objetos que tivemos de manter sob nossa guarda, sob pena de dificuldades para acondicionarmos a péssima alimentação.

Com o passar dos dias, tudo foi piorando. A carne, gordurosa, ia ganhando sabor que a tornava quase intragável. A água potável adquiria acentuado gosto adocicado, que a tornava enjoativa.

Alguns companheiros, mais prevenidos, haviam levado limões, que eram adicionados a água que bebiam. Para agravar a situação, houve, no nosso porão, entupimento do sistema sanitário. Os resultados do defeito não são necessários mencionar.

SUBMARINO À VISTA?

Na tarde da véspera de Natal houve um ligeiro. corre-corre a bordo. Disparos de canhão de um dos navios armados que faziam parte do nosso comboio provocaram grande confusão.

Seria ameaça de submarino da Alemanha nazista? Ninguém disso se certificou. A realidade foi a seguinte: todos os que se encontravam nos porões queriam ao mesmo tempo subir para o convés.

Alguns, apegados aos seus pertences, procuravam movimentar-se em busca de salvamento.

Silenciados os disparos, tudo voltou a normalidade.

VÉSPERA DO NATAL

Depois dos disparos passei a ler uma revista. Adormeci. Ao despertar, dois acontecimentos passaram a marcar minha vida de expedicionário. São passagens que muito me comovem ao recordá-las.

O primeiro: minha mão esquerda repousava sobre uma página da revista, na qual estava estampado um transatlântico com a legenda:

ESTE TRANSATLÂNTICO TEM LEVADO MILHARES DE SOLDADOS PARA GUERRA. QUANDO FARA RETORNÁ-LOS?

O segundo, o mais belo, era oferecido pelo companheiro Sylvio Guilherme Burnett. Rapaz de boa estatura, ajoelhado, orava ao Senhor. Nunca lhe perguntei o sentido da oração.

Tenho certeza, porém, que daquela oração, revestida de tanta pureza, partiam, no silêncio, palavras pedindo bênçãos ao Senhor Deus. Tenho convicção de que o Burnett meditava sobre o significado do Natal. Que beleza extraordinária de exemplo cristão!

VÉSPERA DO ANO NOVO

Houve qualquer movimento festivo. Era o rompimento da barreira para o novo ano, quando seríamos, nós do Pará, mergulhados na guerra que nos aguardava com sua crueldade.

Mas também seria o ano no qual soariam os sinos da Paz. Naquele memorável momento ficava para trás o último ano da Segunda Grande Guerra Mundial e resplandecia a aurora do ano em que a Humanidade iria festejar.

Enquanto aguardávamos a hora do desembarque, o companheiro Francisco Miguel Belucio falseava e rolava por uma escada, torceu um dos braços. Apesar da dor, ficou exultante, pois julgava que aquele pequeno acidente a livraria do embarque para Teatro de Operações de Guerra. Durante a travessia do Atlântico. deu-nos muita alegria com o seu saxofone.

O DESEMBARQUE

Depois de seis longas horas de espera, sem nenhuma alimentação, pois não houve almoço, desembarcamos. Tomamos uma composição de trem. O vagão em que viajei e creio que os demais, tinha o teto muito esburacado.

Em consequência da chuva, embora fina, que caía desde a tarde, os bancos estavam molhados e o piso tomou aspecto de lodaçal. O desconforto, entretanto, foi para mim amenizado, pois era à primeira vez que eu me sentia numa cidade grande. Achei bonita a cidade do Rio de Janeiro, aliás muito bem iluminada.

A beleza que naquela noite chuvosa meus olhos contemplaram serviu-me de lenitivo.



NA VILA MILITAR

La pelas vinte e três horas chegamos à Vila Militar, onde, após vencermos respeitável distância em trem vagaroso, fomos alojados em barracões de madeira. Ao saltar, encontrei-me com o tenente José Maria Couto de Oliveira, em cuja residência em Belém muitas vezes almocei quando éramos jovens.

A primeira noite foi a continuação do desconforto criado em Belém e prosseguido no navio CUIABÁ.

O dia 3 de janeiro amanheceu muito frio, o que me era estranho, porquanto nunca eu havia saído do Norte, onde predomina o clima quente.

Até então estávamos sem abrigos adequados. Fui ao banheiro, em busca de banho. Não havia quente, mas enfrentei, com minha disposição, a água gelada.

Houve, a seguir, o toque de cornetas para o café. Foi a única vez que foi saboroso. Deram-nos pão recheado e dois ovos, o que se repetiu durante nossa permanência no alojamento.

Recebemos, horas após, a inspeção feita por um jovem tenente. Não sei se seguiu para a Itália. Tinham a distingui-lo o porte, uma faca na cintura e ótima educação. Tive conhecimento, mais tarde, do seu nome: Castelo Branco.

Fez o levantamento dos dados pessoais dos alojados. Nada prometeu. Encorajado pela delicadeza daquele oficial, antes que o mesmo apanhasse o jipe que o esperava, fui, a passos largos, ao seu encontro, para fazer-lhe uma reclamação. Fi-la em nome dos companheiros.

Ouviu-me atentamente e voltou ao alojamento. Mostrei-lhe os colchões. Uns se encontravam rasgados. Outros, com molas quebradas à vista. Anotou o que viu. À tarde, para alegria de todos, colchões novos substituíam os que se encontravam em uso.

Os alojados receberam dois sacos verdes – o A e o B.

O primeiro destinava-se à guarda do uniforme de passeio, que por mim nunca foi usado, na falta de oportunidade.

O segundo era reservado ao acondicionamento do material: uma farda de serviço, uma capa de borracha, dois cobertores, uma japonsa de lã, um par de botinas, duas camisas-de-meia, três cuecas e três pares de meias, sendo um de lã. Outros materiais de uso pessoal foram distribuídos no dia seguinte: Lâminas para barbear, pasta de dentes, sabonetes, agulhas e outras utilidades.

Como tributo à verdade, esclareço que a farda, além do macacão, como o gorro e as botinas, não estava nas medidas adequadas.

Eram grandes para homens de pouca estatura. Eram para homens de maior porte. Para o devido ajustamento funcionou o sistema de troca de peças entre os companheiros, de modo que tudo ficasse mais ou menos adequado.

De minha parte, que não sabia o motivo pelo qual eu ia para a guerra, era a revolta. As mangas demasiadamente compridas da japona cobriam-me as mãos. Era visível o contraste entre o pequeno e o grande: o quepe mal cobria minha cabeça. Foi meu companheiro durante a guerra.

Nos dois ou três primeiros dias seguintes, não me recordo bem, a sujeira imperou, não por culpa do Exército, é claro, mas como produto da péssima educação de muitos companheiros.

Os sanitários nem sempre eram usados convenientemente. Alguns soldados preferiam fazer suas necessidades fisiológicas sobre os balcões das latrinas. Farto papel higiênico, servido demasia, era jogado ao chão.

Não havendo limpeza complementar durante o dia, os soldados tinham que suportar o que havia de mais forte de fedor provocado pelas fezes expostas.

Logo nos primeiros dias observei o que representava a imundície à longa caminhada para o local onde eram servidas as refeições.

Montes de fezes no trajeto provocavam nuvens de moscas.

A imundície se projetava na cozinha, em razão do que as panelas, ao serem abertas, eram invadidas pelo asqueroso inseto, o que me obrigou a limitar-me a apanhar somente tomates e ovos, alimentos que podiam ser lavados.

CHAMADO PELO COMANDO DO BATALHÃO

Fui chamado ao Gabinete do Comandante, o major Evandro Conceição Del Corona. Homem de voz suave, mandou-me entrar no jipe, que por ele próprio era conduzido. Levou-me a um quartel da Vila Militar, no qual estavam instalados serviços burocráticos da Força Expedicionária Brasileira.

Feita a minha apresentação, comecei a trabalhar na elaboração de fichas dos soldados que embarcariam para a Itália.

Pelo bom trabalho executado, fui sendo destacado para outros setores mais importantes, tendo servido, na escala sucessiva, com o 2º tenente Leônidas Marques de Alencar, com o 2º tenente Hipólito Donadelle e, por último, com o coronel Cereja.

Passei a fazer as refeições no quartel, onde havia esforço para que a higiene estivesse presente, o que, infelizmente, era dificultado pelas moscas, que já não eram em tão grandes enxames como na área dos barracões.

PROVIDÊNCIAS PARA O EMBARQUE PARA A ITÁLIA

Durante nossa permanência no Rio de Janeiro foram feitos vários preventivos contra doenças, sobretudo contagiosas. Era feita a coleta de sangue, a fim de que fosse determinado o tipo. O meu: tipo A.

Essa coleta era feita de modo cruel, o que causou vários desmaios. Enfiada a agulha, o enfermeiro não procurava equilibrá-la na veia, o que tornava muito grande o sofrimento.

Para aplicação das vacinas preventivas o método era impiedoso.

Os enfermeiros, ao que me pareceu, gostavam de gozar do sofrimento alheio. Os soldados, em coluna de um, passavam por um corredor formado por três enfermeiros de cada lado.

Mal passava o algodão embebido em álcool, outro enfiava grosseiramente a agulha no músculo. Eram três vacinas, três torturas. Comumente havia sangrias, tal a brutalidade das aplicações.

Recebemos duas plaquetas de Identificação feitas de cobre, com o nome e o número do soldado, nelas também figurando o tipo de sangue.

Eram duas as finalidades: uma, em caso de morte do soldado, seria colocada entre os dentes do herói. Coube-me a de n.º 316.322.

A outra ficaria colocada na cruz, ou, na falta desta, em um pequeno pedaço de madeira, servindo de marco.

Foram elas minhas companheiras inseparáveis, penduradas no pescoço, durante os dias restantes que permaneci no Rio de Janeiro, na travessia do Atlântico e em toda a inesquecível Campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália.

GESTOS DE COVARDIA

Em outro justo preito à verdade, cometeria grave e imperdoável injustiça aos autênticos heróis da Força Expedicionária Brasileira, se não fizesse constar deste relato rasgos de covardia de companheiros nossos.

Lembro-me da utilização do alho. Alguns colocavam-no nos ânus para provocar a sensação de febre. Outros procuravam postos médicos para a contaminação de gonorréia ou de outras doenças venéreas, o que era feito utilizando-se de algodão já contaminado.

Um paraense, em Niterói, fez-se de doido, provocando quebra-quebra de cadeiras em um bar. Não foi para a guerra.

Eram brasileiros, inclusive de nossa terra, que, com medo da guerra, e havia razão para terem medo, faziam os mais variados tipos de viração. Uns, como os exemplos que citei, buscavam processos que a ética repulsa; outros se valiam do prestígio de pessoas conhecidas.

Sei que da grande parte dos que não seguiram para a Itália há honrosas exceções. Não foram motivados por enfermidades.

Dessas, conheço o paraense Jose Edward Cardoso. Apesar de, na época, ser operado recente, seguiu no Contingente de Amazônia. Do Rio de Janeiro, como tive conhecimento, voltou para Belém, pois seu estado de saúde não era satisfatório.

O que um operado recente iria fazer no "front"? Só dar trabalho, sem nenhum proveito. Não estava em condições de cumprir a nobre e perigosa

missão da Fé. Percebo, no entanto, que esse paraense colocou a FEB no coração, tal a maneira como se dedica à causa do ex-combatente do Brasil e, por assim dizer, dos febianos.

Conclusão: dos **786** que viajaram no CUIABÁ, apenas um grupo de **281** homens do Contingente da Amazônia embarcou para à Itália, onde souberam representar as belas tradições do nosso Exército.

Não obstante, os que permaneceram no Brasil, reivindicam, através de artifícios, os mesmos direitos conferidos aos veteranos da FEB.

PASSEIOS

Nas horas de folga eu visitava a cidade do Rio de Janeiro. A primeira visita foi em companhia do Laurindo.

Estranhando o frio, saímos de japona, traje que se tornou insuportável depois das dez horas da manhã, quando o calor que nos obrigou a fazer todo o percurso apenas de camiseta e de calça, estava explícito.

VÉSPERAS DO EMBARQUE PARA A ITÁLIA

Aproximava-se o dia de nosso embarque para a Itália.

As notícias eram desencontradas. Uns diziam que o navio ainda não havia chegado. o Soeiro (Manoel Soeiro Filho) afirmava que já o tinha visto atracado no cais e que nele estava sendo feita a limpeza.

Os jornais publicavam notícias alentadoras. Informavam-nos sobre as últimas conquistas das Nações Aliadas.

A verdade era que no nosso acampamento havia qualquer coisa diferente. Eram exibidos filmes de cunho instrutivo; eram shows, em um dos quais dançou a simpática Eros Volusia, nome que escolhi para a bonita filha que nasceu quando eu já me encontrava em operações de guerra no outro lado do Atlântico.

Houve o desfile do escalão na Vila Militar, com a presença do general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. Usávamos polainas e um chapéu de pano verde, tendo suspensa uma parte da aba, aspecto que fazia lembrar a figura do corajoso bandoleiro Lampião.

Três dias antes do embarque, o acampamento foi cercado por soldados fortemente armados, com o intervalo de aproximadamente cem metros. Era a segurança contra alguém que desejasse entrar.

Na véspera do grande e esperado dia, o major Del Corona reuniu a tropa e fez, com emoção, convincente palestra sobre o perigo que o Nazismo ainda representava para a Humanidade, porquanto Adolf Hitler proclamava que em breve daria conhecimento ao mundo de sua arma secreta.

Se havia tal ameaça, frisou o major Del Corona, seria mais prudente que fôssemos lutar fora de nosso continente.

Foi muito claro ao dizer que desejava levar consigo uma tropa de homens conscientes para o importante papel que iriam desempenhar frente ao bem treinado, agressivo e fanático soldado alemão.

Disse-nos, lembro-me bem, que aqueles que tivesse interesse de ficar no Brasil, que aqui permanecessem. Estes só os acompanhariam no caso de extrema necessidade, pois o que pretendia era fazer, naquela hora, um grupo de voluntários.

TORNEI-ME VOLUNTÁRIO DA FEB

Foi concedido um minuto para que meditássemos.

Cessado o minuto, o profundo silêncio foi quebrado pela voz do tenente Murilo Rodrigues de Souza:

- Os que desejarem ir para a guerra, deem um passo afrente.

Muitos permaneceram estáticos.

Outros, a minoria, atenderam ao apelo em benefício da Humanidade. Naquele momento inesquecível coloquei no mais alto plano os interesses dos povos escravizados e daqueles que, embora ainda livres como o Brasil, poderiam ser vítimas da agressão nazista.

Transformava-me, naquele momento emocionante, em voluntário da Força Expedicionária Brasileira.

EMBARQUE PARA A ITÁLIA

Restava-nos aguardar o embarque, o que ocorreu no dia 5 de fevereiro, quando sofremos o que houve de muito chocante. Apesar de o toque de Alvorada ter sido dado mais cedo, a cozinha foi desativada.

Repetiram-se, como de praxe, as chamadas.

A fome, com o correr das horas, devorava-nos, pois além da falta da primeira refeição, o café, para o almoço, mesmo péssimo, não ecoou o tão familiar toque de corneta convidando-nos para o rancho.

A longa espera foi muito incomodativa, pois tínhamos que vigiar a nossa bagagem, por causa das "brincadeiras" de companheiros, e por estar atentos a qualquer causticante chamada.

Para a nossa alegria, que terminou logo começada, para a nossa frente um caminhão transportando comida que, pelo cheiro, devia ser muito saborosa. Era enviada pela Legião Brasileira de Assistência.

De nada serviu, pois chegou atrasada, no momento exato em começávamos a nossa caminhada rumo ao trem. Com a bagagem nas costas, deixamos para trás o caminhão e, com ele, a primeira e única refeição digna desse nome.

Eu, por ser um dos mais altos da tropa, ocupei lugar nas primeiras filas. Quando havíamos percorrido trezentos metros aproximadamente, a rebeldia

tomou conta de mim. O ódio cresceu ao ver no meu lado, fora de formatura, um tenente pernambucano muito arrogante, portando uma arma de fogo.

Não sei explicar a razão para o que ocorreu. Joguei a bagagem no chão.

Numa tropa, o que fazem os soldados da frente é seguido pelos demais, pensando tratar-se de ordem superior.

Como resultado do meu gesto, em poucos segundos o leito de estrada estava transformado em belíssimo tapete de sacos verdes.

O oficial veio de dedo em riste abanar-me o rosto, dizendo a mim que quando eu voltasse da guerra, deveria vestir uma roupa de mulher, um vestido. Sentindo a ofensa em um voluntário da FEB, revidei com altivez e com palavras ásperas, dizendo para aquele tenente que eu não temia sua pistola.

Não houve protesto, não sei se por ter reconhecido a ofensa contra mim atirada ou por se temer a reação coletiva, pois qualquer gesto agressivo seria perigoso, tal o ambiente negativo que aquele oficial vinha alicerçando contra si desde muito cedo.

Posta a tropa em ordem, seguimos para a composição que nos esperava na estação. No trem, a ordem era para que as janelas não fossem abertas, determinação que não foi obedecida, o que nos deu o feliz ensejo, em sinal de despedida, de acenarmos os lenços por onde trafegávamos.

Do trem, que não era veloz, desembarcamos no destino para o qual éramos conduzidos.

Chegamos ao cais, onde estava atracado o navio-transporte GENERAL MEIGS, de 15.000 toneladas, guarnecido por armamento próprio para defesa antiaérea.

Antes de embarcarmos, para o que houve muita ordem, foi nos entregue um cartão com o número de refeições que receberíamos durante a viagem.

O do companheiro Castorino caiu entre o navio e a amurada do cais. Utilizando-se de uma corda, desceu e, ao subir, sob palmas, trazia o seu cartão.

Ao cair da tarde era dado início ao embarque dos 5.082 homens que iriam, mais tarde, de arma em punho, lutar contra valente e adestrado soldado alemão.



A BORDO DO GENERAL MEIGS

A bordo, para que não houvesse atropelos, foi organizado um serviço de trânsito que, funcionando com perfeição, facilitou a nossa chegada aos beliches instalados nos alojamentos.

Ocupei o Alojamento 205-L, onde o calor era estarrecedor, pois o seu sistema de ventilação não funcionava a contento, martírio que era agravado em virtude de, por medida de cautela, não haver aberturas para a parte externa da embarcação. Os beliches, feitos de lona, eram dispostos em três ordens. Cada grupo de beliches acomodava seis soldados.

Ao penetrarmos nos alojamentos, neles devíamos permanecer, cada um no seu beliche, durante o tempo necessário, a fim de que ficasse livre a passagem dos soldados que ainda embarcavam.

Foi servida sadia refeição, embora de paladar não agradável para nós, de regime alimentar diferente.

A oportunidade, embora de poucos minutos, repetida durante a viagem para a Itália, nos proporcionou a permanência em ar fresco no amplo refeitório. Ali, sob orientação norte-americana, reinava higiene. Possantes ventiladores refrescavam o ambiente.

À medida que cada soldado terminava a refeição, dirigia-se aos recipientes para restos de comida e fazia a entrega do material utilizado, o que era lavado através de processo mecânico.

Nos alojamentos, uns faziam a arrumação de seus pertences no Saco B; outros rumavam para os banheiros que, pela apresentação requintada, a todos impressionavam; outros tocavam seus instrumentos musicais, que nos transmitiram muita alegria

Enquanto isso, ocorria eu me entregava à costumeira leitura bíblica, de preferência o Salmo 91 "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do onipotente descansará".

No dia 6 de fevereiro, o navio amanhecia fundeado ao largo, de onde ainda podíamos contemplar, embora de longe, a iluminação da bela cidade.

No dia seguinte, não me recordo da hora, o GENERAL MEIGS deixava a cais da Guanabara, com destino à Itália, nação jogada à miséria por culpa do ditador Benito Mussolini, que antes do término da guerra foi enforcado e pendurado pelos pés na Praça Loreto, na cidade de Milão, ao lado de Clara Petacci, sua companheira.

Antes de zarparmos, o Presidente Vargas visitou-nos para as despedidas. Fazia-se acompanhar dos ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica. Percorreu o Presidente as principais dependências do navio, inclusive o Alojamento 205-L, onde eu encontrava instalado.

Conversou com diversos expedicionários, destacando-se o Alberto Nolasco Filho. Indagado sobre seu estado civil, o companheiro respondeu-lhe ser solteiro.

O Presidente completou dizendo que aquele futuro herói da Pátria era um homem muito feliz, de vez que ia lutar ao lado das Nações Unidas.

Quando voltar, acrescentou, realizará seu sonho dourado. Não sei a razão desse "sonho dourado". Talvez o Nolasco tivesse segredado alguma coisa ao Presidente.

Posteriormente, conversando com o Nolasco, disse-me que gostava de uma pequena de nome Dorcas, moradora na Vila Guarani. A ela, anos depois, falei dessa particularidade. Dirigiu-se o Presidente a outros expedicionários.

Vendo-me empunhando um caderno com anotações taquigráficas, perguntou-me se eu era repórter. - Não, Excelência, simplesmente taquígrafo. - Foi a resposta.

- Poderá taquigrafar as mensagens da fuzilaria? Perguntou-me sorrindo, afastando-se a seguir.

Minutos após eu taquigrafava, do meu beliche, as seguintes palavras da suprema autoridade brasileira, já instalada no Gabinete do Comando do nosso escalão:

Uma boa nova vos anuncio. Os nossos fiéis aliados americanos vão nos ceder um navio-transporte semelhante a este, que servirá para levar a correspondência e as encomendas que vos forem enviadas e para trazer as saudades às pessoas queridas que ficaram na Pátria distante. Na grande belonave serão repatriados aqueles que, por acidentes provocados pela guerra não puderem continuar nas batalhas. Que o Deus guerra vos acompanhe, assim como vos acompanharão os votos de felicidades de todos os brasileiros.

Feitas as despedidas, o Presidente Vargas e sua comitiva deixavam o navio. A pesada ancora era recolhida. Começávamos a deixar as águas da Guanabara.

Para dizermos um "até breve" ou mesmo um adeus" à querida terra, contemplamos, por instantes, aquilo que os olhos vêem em e a alma nem sempre tem palavras para se expressar: a beleza natural da cidade do Rio de Janeiro, os seus morros, as suas belíssimas praias, o Pão-de-Açúcar e, altaneira, a estátua do Cristo Redentor. De braços abertos, dava-nos a impressão de que se fosse o próprio Cristo, estaria abençoando o Brasil e a nossa partida.

No dia seguinte os relógios foram adiantados duas horas. Ao chegarmos a Itália, a diferença já era de quatro horas.

A movimentação no 205-L começava muito cedo. Por ser vizinho ao refeitório, o nosso alojamento era o primeiro a ser atendido, o que ocorria às oito horas da manhã, quando almoçávamos.

O jantar era servido às três da tarde. Pela manhã, durante a viagem, tínhamos que nos acotovelar nos conveses de proa e de popa. Era para ser feita a limpeza nos alojamentos, serviço executado sob rigorosa fiscalização. Nenhuma bagana de cigarro, nenhum palito escapava da inspeção norte-americana.

O GENERAL MEIGS era de grande porte - 15 mil toneladas, com uma tripulação de aproximadamente setecentos homens.

Guarneciam-no canhões e o comboiavam navios de guerra do Brasil e dos Estados Unidos. Havia também comboiando-o um "blips", dirigível pequeno, mas eficiente para a localização de submarinos.

Serviços religiosos faziam parte da rotina diária a bordo. Filmes eram exibidos diariamente. Ao meio-dia ouvíamos um noticiário sobre a guerra, nem sempre alentador.

Eram grandes e admiráveis as atividades a bordo, inclusive as referentes ao policiamento, feito por soldados nossos e homens da tripulação. O serviço burocrático do Escalão funcionava com eficiência e dedicação de expedicionários.

SERVIÇO MÉDICO DE BORDO DO GENERAL MEIGS

O Serviço Médico era permanente.

Dispúnhamos, para melhor atendimento, de uma bem aparelhada e confortável enfermaria.

Esse Serviço, no entanto, para eu ser fiel, não era dos melhores por parte dos médicos brasileiros. Pelo que observei, era gritante a irresponsabilidade, pelo menos em alguns casos.

A prova desta assertiva foi a permanência no alojamento, de um soldado acometido de caxumba (papera), doença transmissível, que requer, por isso mesmo, isolamento do enfermo.

Por falta dessa imperiosa providência, a doença foi transmitida a mim e a outros soldados. Consequência: tivemos que ser internados em enfermaria isolada do Hospital 182, sob direção norte-americana na cidade de Nápoles.

Ha dias que eu estava sentindo sintomas da doença, mas quando eu ia a inspeção médica, de nada adiantava.

Na véspera de nossa chegada aquela cidade estava de plantão o Dr. tenente Jefferson Rodrigues Moreira (Dr. Jefferson), ao qual me apresentei e verificou ser delicado o meu estado. Providenciou o meu internamento na enfermaria de bordo.

Fiquei maravilhado ao entrar naquela dependência.

Durante a noite o enfermeiro de plantão verificou, várias vezes, minha temperatura e fez a aplicação de medicamento adequado.

HORAS DE LAZER

Não só trabalho e preocupações existiam a bordo.

Diversões faziam parte da viagem. As lutas de box, os jogos de salão, as sessões cinematográficas e os shows eram constantes. No meu alojamento, o Belúcio nos alegrava, e muito, tocando o seu instrumento metálico.

Mais adiante era um evangelista cantando, com belíssima voz, o hino sacro JARDIM DE ORAÇÃO, que era sempre ouvido em respeitável silêncio.

As diversões tiveram seu ponto alto por ocasião de nossa passagem pelo Equador, linha imaginária de que nos fala a Geografia. Foi de agrado geral a festa. O embaixador improvisado deu-nos, na véspera, a notícia de que no dia seguinte chegaria Rei Netuno. Na chegada de Sua Majestade houve muita alegria.

Como é natural, em ocasiões tais há as infalíveis aglomerações.

A ordem, entretanto, foi mantida, pois a POLÍCIA REAL desempenhou com eficiência o seu papel, com o uso de um cassetete feito de lona, que não só tinha de "ofensivo" uma das extremidades melada de graxa. Quem ousaria teimar? Um pouco de graxa seria severo corretivo, porquanto para a limpeza pessoal só dispúnhamos de água salgada, que era bombeada diretamente do oceano.

O monarca foi recebido em silêncio.

Preparado estava Belúcio que, com outros instrumentistas, davam grandeza aquele inesquecível acontecimento.

SILÊNCIO

Era comum, terminado o toque de silêncio, a explosão da algazarra.

Os alojamentos, iluminados a luz vermelha, davam-nos a impressão de ambiente infernal.

Os homens, nus da cintura para cima, com os corpos impregnados de suor e sal, pareciam mais fantasmas andantes. E era nessa espécie de pano-de-fundo que se faziam ouvir piadas pesadíssimas.

Ali estavam verdadeiros imitadores da vaca que mugia, do cavalo que rinchava, do galo que cantava, do cachorro que latia. O corococó da galinha juntava-se ao miado do gato e ao berro da cabra.

Tudo isso, naqueles porões fechados, fazia o meu pensamento pousar sobre o livro de Gênesis, o primeiro da Bíblia Sagrada, precisamente no capítulo que nos fala da arca de Noé.

EXERCÍCIOS A BORDO

O navio GENERAL MEIGS tinha o n.º 116.

O seu comandante não se descuidava da defesa e de nossa preparação para as emergências causadas por torpedeamento. Aquele barco conduzia

milhares de seres humanos para a maior e mais cruel guerra jamais desencadeada na esteira dos séculos. Era grande a responsabilidade para conduzí-los com segurança ao porto de destino.

Fomos submetidos a uma série de exercícios de abandonar o navio. Ficamos, desse modo, habituados aos alertas improvisados e ao impacto dos disparos dos canhões que nos guarneciam.

Para o primeiro exercício tivemos prévia instrução.

Todos, com o colete salva-vidas, aguardavam a ordem de deslocamento, a fim de que não ficassem bloqueadas as passagens para as baleeiras, sempre guarnecidas de comestíveis e água potável.

A movimentação para aquelas embarcações era feita no momento adequado, de acordo com a chamada por alojamento e outras dependências do navio.

Pela perfeição do nosso desempenho, o comandante daquele gigante de aço, no último dia de exercícios, transmitiu uma mensagem congratulatória aos soldados brasileiros que eram transportados.

O ATLÂNTICO FICA PARA TRÁS

Deixamos o Atlântico.

Contemplamos, à direita, um pedacinho da África: era a cidade de Tanger. A esquerda estava rochedo de Gibraltar, em cujas imediações navios mercantes agrupados esperavam a formação de comboios para o prosseguimento da viagem.

Foi emocionante a entrada de nosso navio-transporte nas águas do Mediterrâneo. Os navios de guerra brasileiros deram uma volta ao redor do GENERAL MEIGS.

Eram as despedidas a milhares de soldados que se destinavam ao "front" e de não sei quantas centenas de homens do mar que retornariam, na mesma rota do Atlântico, sujeitos a espreita de submarinos inimigos.

Quem teve força suficiente para conter a emoção?

Não posso apontar. Posso assegurar apenas que o perigo iria continuar. Daí em diante o perigo seria sempre maior, pois ao desembarcarmos esperavam-nos os bem experimentados e fanáticos soldados da Alemanha nazista.

Ao entrarmos no Mediterrâneo, experimentamos o clima frio. Ninguém queria sair dos alojamentos, pois nas partes descobertas da embarcação o frio era cortante.

Nesse clima gélido foi realizado o restante da viagem, que terminou na cidade de Nápoles.

VI.

EM NÁPOLES

A chegada à cidade de Nápoles ocorreu ao amanhecer de 22 de fevereiro. Internado na enfermaria de bordo, não me foi dado o ensejo de apreciar a atracação do navio.

Os internados receberam ordem para vestir o traje de frio.

De japona, calça e gorro de lã, desembarcamos, não faltando na indumentária as orelheiras de lã, que se uniam abotoadas sob o maxilar inferior. Só aparecia mesmo uma parte do rosto. As mãos estavam protegidas por luvas de lã.

O DESEMBARQUE

Os que haviam saído da enfermaria tiveram prioridade.

Em posição de sentido, ouvimos profundamente emocionados os hinos nacionais do Brasil e dos Estados Unidos.

O meu pensamento estava aferrado à terra-pátria e à família distantes.

RUMO AO HOSPITAL 182

No cais, a nossa espera, as ambulâncias para nos levarem ao Hospital.

O motorista da ambulância em que fui transportado deu provas de delicadeza. Não permitiu que nenhum de nós conduzisse a bagagem, por mais leve que fosse.

Em pequena velocidade, os veículos percorriam belíssimos recantos da encantadora Nápoles, cidade que, pelas ruínas a mostra, dava-nos uma pequena, mas autêntica demonstração dos estragos causados pela guerra.

O hospital estava construído em um bairro com edifícios belíssimos. Lembro-me de duas praças. Uma delas em terreno ligeiramente inclinado. Pontes quase mergulhadas, em diferentes níveis, ofereciam-nos fascinante espetáculo produzido pela queda da água de alturas diferentes.

Tínhamos a impressão, observei dias após, de que, ao fazermos a travessia, estávamos flutuando.

O hospital era em forma de pavilhões de madeira, devidamente aquecidos.

Depois das formalidades ocupamos os quarenta leitos da Enfermaria Nº 402. Todos os soldados haviam sido atingidos pela caxumba.

Os escritórios do Hospital estavam instalados em bonito edifício. Ali, na ocasião, alguém tocava músicas lentas. Sendo o meu um dos casos mais melindrosos, pois havia complicação, foram-me fornecidos aparelhos sanitários para as minhas necessidades fisiológicas no primeiro dia.

O almoço foi, como nos dias seguintes, servido em bandejas metálicas com divisórias. As refeições eram deliciosas e fartas, acompanhadas da sobremesa, nunca faltando uma taça de creme. Lembro-me que uma das refeições foi servida em um restaurante de luxo nas proximidades do Hospital.

As primeiras horas da tarde apareceu uma napolitana, que nos deliciou com os acordes de seu violino. Varias canções italianas davam-nos felicidade. Os nossos pensamentos volviam para a Pátria distante e para os familiares, que também sentiam saudades pela nossa ausência.

Depois vim a saber os nomes das canções - LILI MARLENE, MAMMA, TORNA A SORRIENTO, FIRENZE SOBNA, SANTA LUCIA ARRIVEDERCI ROMA - LA ESTRADA DEL BOSCO.

Depois do jantar, os que podiam jogar jogavam. Eu estava proibido de sair da cama, proibição que foi quebrada lá pelas oito horas da primeira noite. A sirene do Hospital dava, o que ouvimos pela vez primeira, o sinal de alerta. Mergulhamos na escuridão. Os disparos das baterias antiaéreas faziam estremecer a área em que estávamos localizados.

Ninguém ficou na enfermaria.

Todos foram assistir a chegada do inimigo, o que para mim foi um espetáculo de rara beleza, sobretudo com o funcionamento dos "very lights" lançados dos aviões que sobrevoavam a cidade. Produziam intensa luminosidade. O espetáculo foi repetido outras vezes, estas com intensidade maior.

No dia seguinte comecei a receber o tratamento amável de parte da enfermeira que cuidou de mim durante meu internamento.

Era filha da pátria do Presidente Franklin Delano Roosevelt. De vinte e três anos de idade, aquela encantadora jovem, nascida no Estado de Ohio, irradiava simpatia. Tratava-se de Miss Patrícia. Ensinou-me a arrumar a cama. Nessa cuidadosa tarefa sempre me distingui na hora da inspeção.

As camas eram guarnecidas por dois grossos cobertores de lã sobre macio colchão. A seguir, dois lençóis brancos e, finalmente, outros dois grossos cobertores. O conjunto dessas peças era para ser dividido em duas partes.

Se o paciente deixava o leito, devia ter o cuidado de unir o conjunto, a fim de fosse evitada a penetração do frio, que era bem comprometedor, apesar da lareira alimentada a óleo. Se essa precaução não houvesse, era necessário que os dois lençóis brancos ficassem unidos por alguns minutos para o aquecimento, quando, então, o enfermo podia deitar-se.

Não acostumado com aquele tipo de disciplina, inadvertidamente deixei, por instantes, expostos os braços. Miss Patrícia me agasalhou. O mesmo trato, tenho convicção, era dado por centenas de outras enfermeiras, que levaram o

conforto moral a milhares de hospitalizados em virtude de doenças ou por estarem feridos, por acidente ou em ação de combate.

Passaram-se os dias. Miss Patrícia tornou-se delicada e atenciosa professora de Inglês. Dava-me o nome deste ou daquele objeto. Fazia confrontos de minha bíblia (em Português) com a sua (em Inglês). Ensinou-me a pronunciar as palavras do Salmo 23.

Não só as atenções dessa enfermeira foram dispensadas a mim e aos demais internados. Igual delicadeza era-nos proporcionada por outra enfermeira norte-americana, de nome Queen, que tentava conversar com todos nós. Mas quem me dava mesmo atenção especial era Miss Patrícia, que várias vezes me levou aos arredores da extensa e bombardeada área do Hospital. Aliás, essa enfermeira certa vez saiu em minha defesa.

A sala de banho das enfermarias era externa. A minha enfermaria ficava um pouco distante. Depois do banho fui dar uma volta. Estava vestido com um roupão de veludo vermelho.

Já longe, encontrou-se comigo um oficial porto-riquenho servindo bem no Exército, ao qual estava incorporada a FEB. Tratou-me com muita estupidez, ao conduzir-me de volta. Acusou-me de sabotador. Disse-me que sendo eu portador de caxumba, poderia ser levado a um tribunal.

Eu, sem nenhuma experiência, fiquei como manietado. Eu compreendia o que ele falava, mas não sabia falar o idioma que usava. Quando, aos gritos, me ameaçava, chegava Miss Patrícia. Com ele se entendeu. Eu estava livre. Agradei, sensibilizado a minha jovem defensora.

Por falar em enfermeiras, assinalo que durante os vinte e um dias de hospitalização, somente uma vez recebemos a visita de enfermeira brasileira, perfeitamente justificável, eis que havia outros hospitais, muito mais à frente, que necessitavam de assistência desses verdadeiros anjos. Precisavam levar aos feridos, no mesmo idioma, o conforto de sua palavra.

Na Enfermaria 402 fiz boas amizades, com destaque dois gaúchos o Ernesto Henrique Dose e o Walter (Não anotei nome completo). O primeiro, de origem italiana; o segundo, de descendência holandesa.

Como auxiliar de enfermaria trabalhou um baixado, que demos o nome de doutor Bahia. Duas vezes por dia era verificada a temperatura dos hospitalizados.

No Hospital 182 houve dois acontecimentos que, por pitorescos não podem deixar de ser mencionados neste relato. No dia de nosso internamento, um companheiro arranjou, não sei onde, um saco de campanha.

O saco de campanha é coisa mesmo de americano, que dá muito valor ao conforto. É revestido internamente por um acolchoado de lã, tendo na parte superior um ressalto que serve de travesseiro.

Um fecho metálico é colocado em toda a abertura daquelas esquisitas espécies de cama, cuja parte externa é impermeabilizada. É o abrigo individual do soldado na linha de frente.

Pois bem, o tal companheiro, na hora do primeiro alarme, meteu-se no saco-cama. Passado o perigo, voltou a luz. Notamos aquele volume, que mais parecia um embrulho movediço.

O brincalhão, de tanto se movimentar, fez com que a abertura do saco ficasse para trás. Depois de delicados "ponta-pés" que lhe foram aplicados, o ensacado foi posto em liberdade.

Outro caso pitoresco foi-nos proporcionado por um rio grandense-do-norte. Era um soldado de baixa estatura e cara muito engraçada. Foi ele internado à tarde, contra a vontade.

Um dos nossos médicos entendeu que ele era portador de caxumba. Era que a estrutura do maxilar inferior, por ser muito saliente, dava-lhe, verdade, aspecto de caxumbado.

Ele, porém, afirmava a nós e ao médico brasileiro que nos inspecionou no dia do internamento que não estava doente.

O seu desejo era ir embora, desejo que se acentuou às dez horas da manhã seguinte, quando foi formado o grupo de soldados para ir ao sanitário.

Não quis submeter-se àquela formalidade. Disse-nos que no dia seguinte diria a inspeção seu verdadeiro estado de saúde, e o fez.

Mas o médico foi irredutível ao afirmar: Você está com caxumba.

Ocorreu, entretanto, que ao apanhar a primeira refeição, farta e saborosa, mudou de ideia. Mas o que fazer, se já havia afirmado que nada sofria? Repentinamente deu um salto e que já sabia o que fazer.

- Com este queixo, bradou às gargalhadas, vou dizer que estou mesmo doente de caxumba. Dito e feito.

Na inspeção seguinte, todos nós fizemos esforço para conter o riso, pois a cara do sujeito era mesmo engraçada.

- Como é, passou bem? - Perguntou-lhe o médico.

Não, doutor, senti muita febre. -Respondeu-lhe, apalpando manhosamente o saliente queixo. Você é teimoso mesmo. Não vê que está com caxumba?

Assim concluiu, considerando-o contaminado.

Passaram-se alguns dias. O queixudo contraiu mesmo a moléstia, por culpa do médico, que o condenou ao convívio na enfermaria.

Tenho motivos para não enaltecer os médicos brasileiros com os quais convivi nas ocasiões necessárias, com a exceção do Dr. Jefferson, já mencionado.

A bordo do GENERAL MEIGS, por exemplo, houve o descaso do médico quanto à visita que fiz em busca de assistência.

Na enfermaria 402, apesar de eu pedir diariamente remédio para cura ou alívio de uma pequena ferida que se formava no nariz, nunca fui atendido. Fiquei curado graças aos cuidados de Miss Patrícia.

No 7º Hospital, em Livorno, houve um caso que precisa ser mencionado, o que farei em outro capítulo.

FOME

Na Enfermaria 402 compareciam diariamente italianos famintos à busca de alimentos. Havia muita fartura no Hospital.

Sempre sobravam restos aproveitáveis.

Eu tinha o cuidado de ser o último a depositar no vasilhame os restos de minhas refeições, a fim de que fosse utilizada, tanto quanto possível, a parte mais sólida, pois daí a instantes vinha um homem esfarrapado buscar alguma coisa para alimentar a família, vítima da crueldade da guerra.

RUMO AO DEPÓSITO DE PESSOAL

Na madrugada de 17 de março, depois de outro alarme antiaéreo, este de maior duração, preparamo-nos para deixar o acolhedor hospital. Enquanto isso, foram ouvidos, na madrugada, tiros de fuzil.

Qual a razão? Talvez para afugentar algum sabotador fascista, espécie de gente tão facilmente encontrada. Após a primeira refeição recebemos as latas e caixas de rações.

Tudo preparado. Quatro ou cinco caminhões deram partida para os campos de instrução, localizados em um dos mais lindos pinheirais italianos, em Staffoli.

Deixamos para trás a encantadora e cantante cidade de Nápoles. No percurso, ainda nas ruas da cidade, ouvíamos, de vez em quando, a voz de alguém entoando lindas canções.

Nápoles, pelo que observei, apesar dos escombros e da fome que a atormentava, era uma cidade muito alegre.

Durante a viagem para o acampamento de Staffoli, tive a felicidade de estender minha vista sobre lindos campos agrícolas as margens do mar Tirreno, o que demonstra a boa vontade de um povo que gosta de cultivar a terra. Conheci pequenas cidades, sendo as principais as de Aversa e de Cápua, ambas a poucos quilômetros de Nápoles. Depois, Fórmia.

FÓRMIA

Das cidades, a que mais me chamou a atenção foi a de Fórmia. A de Cassino é um caso a parte.

Fórmia, cidade acariciada pelo mar, certamente proporcionou muita felicidade aos seus moradores quando a Itália ainda não havia sido envolvida diretamente na guerra. Depois de Cassino, que visitei após o termino das hostilidades, vi quase totalmente destruída. Informaram-me que ela foi transformada em escombros por canhoneio naval.

O triste quadro que presenciei naquela cidade jamais me sairá da memória. Era de cortar coração. Pessoas idosas e crianças estendiam-nos as

mãos. Era o dramático pedido de alimentos. Eram pessoas que não tiveram tempo ou força suficiente para a fuga.

Para amenizar-lhes o sofrimento, pus-me em pé no caminhão que me conduzia e, aproveitando a trégua para o almoço, supliquei a solidariedade dos companheiros para que entregassem suas rações àquelas criaturas sujas e famintas.

Creio que o meu apelo penetrou no coração pelo menos da maioria dos febianos que ali estacionaram naquela manhã. As caixas e latas de alimentos eram entregues desordenadamente. Eram velhos contra crianças, e crianças contra velhos. Enfim, era o quadro da luta pela sobrevivência.

Sei que nem todos mitigaram a fome. Entretanto, dezenas de criaturas esqueléticas tiveram alimentação naquela manhã, momento em que brasileiros demonstraram, mais uma vez, a sua inclinação para o humanismo cristão. Partimos, muitos sem o almoço, mas alimentados pela alegria imensa de que havíamos praticado gesto profundamente humanitário.

ROMA

Pouco antes das dezesseis horas, bem de longe, estávamos divisando a cidade de Roma. A Basílica de São Pedro destacava-se.

Nos arredores da cidade obtivemos alguns alimentos: Houve gestos de solidariedade de alguns romanos, que pagaram as despesas de vários brasileiros.

Roma é uma cidade que, pela limpeza de suas avenidas e pelas obras de arquitetura, impressiona o visitante. À nossa esquerda, o Coliseu, palco das lutas festivas para a antiga Roma, quando cristãos eram empurrados para enfrentar leões em fúria.

A Basílica de São Pedro empresta muita beleza à cidade. O túmulo de Emmanuel II junta-se, pela sua imponência, as bem cuidadas praças e avenidas e aos jardins muito bem tratados.

Antes de anoitecer o nosso comboio prosseguiu rumo a cidade de Livorno, onde chegamos as duas ou três horas da madrugada. Ocupamos um prédio parcialmente destruído, onde permanecemos por quatro ou cinco horas, quando partíamos, definitivamente para os campos de instrução em Staffoli.

No percurso, passamos pela cidade de Pisa. O comboio fez uma pequena parada, a fim de que nós, com ares de "turistas", víssemos de perto a tão conhecida torre inclinada.

O que vi no trajeto entre as cidades de Livorno e Pisa deu-me a convicção de que as Nações Aliadas e, conseqüentemente o Brasil, sairiam vitoriosas, tal a quantidade de viaturas nunca usadas e verdadeiras montanhas de materiais destinados a luta na qual nos empenhávamos para a derrota da Alemanha nazista.



DEPÓSITO DE PESSOAL

Chegamos ao acampamento no dia seguinte. Era domingo. Localizado em vasta extensão de pinheiros, tinha aspecto de verdadeira cidade. Centenas de barracas de lona formavam grande número de ruas. Passei a morar na Rua Olinda, Nº 12.

Estranhei o meu primeiro dia de acampamento. Civil que nunca tinha tido a experiência de qualquer guarnição militar, logo após o toque de alvorada, era natural encontrar embaraços.

Não sabia montar a mochila que, por delicadeza, foi preparada por um praça antigo, praça que, sendo medroso, mais tarde recebeu o apelido de "Paura" (medo em italiano).

Não se sentia ofendido. Bom companheiro. Com certa dificuldade coloquei as polainas. Acostumei-me imediatamente aos rigores da vida militar, principalmente da guerra.

Destinava-se o Depósito de Pessoal aos da retaguarda sem a qual os soldados da linha de frente não poderiam desempenhar suas perigosas missões. Nele estava instalada uma capela. Havia cinema ao ar livre e circulava um pequeno jornal. Havia, também, os serviços de Saúde e de Correio.

Este último deixava muito a desejar. Talvez em virtude do remanejamento constante dos soldados, pois o "front" não podia ficar desfalcado. Se havia baixas, soldados do Depósito preenchiam imediatamente os claros causados por transferências, ferimentos ou mortes.

O Serviço Médico, pelo que observei, seguia a mesma rotina que verifiquei no Brasil, isto é, pareceu-me que os nossos médicos não acreditavam nos motivos que levavam os soldados a consulta.

Em parte, lhes assistia a razão, pois havia muita trambicagem em uma bagagem dos praças. Só acreditavam mesmo em ferimentos ou em inchaços. Assim mesmo, os enfermos nem sempre eram atendidos com a presteza reclamada pela gravidade.

Lembro-me de dois casos.

Um colega havia sido acometido de hemorragia nasal. Pois bem, apesar de ambulâncias sobrando, somente às dezesseis horas foi transportado, assim mesmo em caminhão, para o 7º Hospital, em Livorno, onde, naquela ocasião, eu também era internado, vítima que havia sido de deslocamento de ar provocado pela explosão de uma granada de morteiro, em exercício.

Outro colega, com muita dor de ouvido, retornou, por sugestão do médico brasileiro, ao local de origem, não permaneceu hospitalizado, o que só ocorreu dias depois, já em estado melindroso.

OS EXERCÍCIOS (ÁREAS DE INSTRUÇÃO)

Havia pesados exercícios de preparo dos soldados para atuarem no "front" para o que foram criados três grupos.

O primeiro, formado por soldados vindos diretamente dos quartéis, portanto, com algum conhecimento de natureza militar. Os exercícios para esse grupo tinham a duração de quatro semanas, prazo em que eram considerados aptos para o preenchimento dos claros na linha de-frente.

O segundo grupo abrangia os soldados de 2^a e 3^a categoria, eram submetidos a oito semanas de exercícios, pois era formado por homens quase estranhos as atividades militares.

Os de 2^a Categoria haviam cursados tiros-de-guerra ou as escolas de instrução militar, que ensinavam somente detalhes superficiais de manejo de arma individual.

Tais cursos davam mais importância a continências e ao peso ou tamanho de fuzil, o que nada tem de aplicação na hora de o homem enfrentar o adversário. Os de 3^a Categoria, eram aqueles que talvez nunca houvessem visto um fuzil ou sabre.

O terceiro, o especial, de emergência, eram integrado de soldados habilitados, não precisando, por isso mesmo, de qualquer instrução complementar.

Pois bem, ao ingressar no Depósito, alegaram-me que não existia vaga nos dois primeiros grupos. Eu iria, portanto, para o Grupo de Emergência.

Ponderei que eu mal sabia acionar o gatilho de um fuzil. Foi designado, então, um sargento para me dar instrução em separado.

O graduado conduziu me para uma pequena área. De mochila a costa, capacete, fuzil, baioneta, pensei que eu iria fazer algum exercício sério.

Que decepção! Fui submetido, durante duas horas seguidas, a exercícios de continências, o que começou a provocar-me natural irritação.

Parei e disse ao sargento que eu não continuaria mais a gastar meu tempo com aquela porcaria.

Respondeu-me, aos gritos, dizendo que ele estava cumprindo ordem e que eu seria punido. Eu não obedeco, podem fazer de mim o que quiserem, sargento, foi o meu troco. Assim mesmo continuei naquele martírio.

Mais uma vez interrompi aquele levanta-a-mão ao capacete e perguntei ao instrutor para o que eu estava fazendo aquilo.

Respondeu-me, com sarcasmo, que era para eu fazer continência ao inimigo, no caso de ser eu feito prisioneiro. Estava encerrada aquela prolongada e inútil serie de continências.

Nada aprendi. Coisas do nosso Exército, e em plena guerra.

No dia seguinte fui para a área de exercícios de morteiro. Havia um barranco onde estava assentada a arma.

O projétil devia alcançar uma casa de alvenaria desocupada. 9 monitores instruíram-nos como manejarmos a arma.

Recomendou-se, aliás, o máximo cuidado para a colocação da granada. Eu me sai muito bem, pois tinha a consciência de que estava me preparando para tarefas perigosas. Chegou a vez de um baiano.

Olhando mais para uma vaca puxando um arado, colocou a granada fora do cano do morteiro, o que provocou a explosão, com acentuado deslocamento de ar. Fui atirado a quatro ou cinco metros de distância.

O meu olho direito não sei explicar a razão, ficou com o globo dilatado, o que me levou ao 7º Hospital, em Livorno.

NO 7º HOSPITAL

O hospital ficava à beira mar, na cidade de Livorno.

O meu tratamento foi a base de injeções de Penicilina. Produto lançado na época, as suas aplicações eram de três em três horas, por tanto oito por dia.

Era-me aplicada, ainda, uma dose diária de outra injeção. Passei oito dias hospitalizado, com setenta e duas furadas de agulha, depois do que voltei ao acampamento.

Evoco, por oportunos, mais dois descasos de médicos brasileiros.

Um soldado, em virtude de deslocamento de ar provocado por explosão de granada-de-mão (foi o que a vítima me informou) urinava constantemente.

Para apanhar as refeições, servidas em dependência muito distante, o companheiro sofria demasiado, especialmente sob aspecto moral.

Disse-me que havia exposto o problema ao médico brasileiro, mas que os seus pedidos não haviam sido levados em consideração.

Prometi-lhe que, com os meus poucos conhecimentos de Inglês (do idioma eu sabia alguma coisa na época), eu iria me dirigir ao médico norte-americano que também nos inspecionava.

Na inspeção seguinte, embora arrastando as palavras previamente arrumadas, cumpri a promessa.

Minutos após, o enfermo me agradecia e se despedia de mim. Estava sendo transferido para enfermaria especial, da qual os internados não tinham necessidade de se afastar para as refeições.

O segundo caso ocorreu com um companheiro atacado de forte dor de ouvido, caso, aliás, já mencionado. Queixava-se de deslocamento de ar. Era outra vítima de médico brasileiro, que mandou que o doente voltasse para o setor de origem.

O jovem tinha razão. Dois ou três dias após retornava ao hospital.

Um dos ouvidos sangrava. Examinado por um médico norte-americano, passou a receber cuidados especiais.

Diante de tais episódios tão desagradáveis, quem lê este relato há de pensar que eu tinha ou ainda tenho marcação com os médicos que serviram na FEB. Mas o que poderei dizer de elogio para quem não deu bom testemunho do humanitário desempenho da missão? Por certo, havia médicos conscienciosos, pois os maus não totalizavam a equipe.

No momento de minha chegada ao hospital, uma enfermeira norte-americana tentava plantar uma roseira.

Um civil italiano que trabalhava no hospital, para ajudá-la, cavou com força a terra, o que provocou a explosão de uma mina, que o matou. Pedacos do corpo foram encontrados no pavimento superior do edifício, que era de dois andares.

Ao lado de tão triste acontecimento houve, entretanto, outro, revestido de muita beleza. No hospital havia uma dependência com muitos instrumentos musicais. Nenhum dos presentes sabia tocar em harmonia.

As notas eram dissonantes e as vozes de norte-americanos e de brasileiros se misturavam. Aquele conjunto fazia-me recuar ao tempo da Torre de Babel, de que nos fala a Bíblia.

Foi quando me veio a lembrança da existência de um soldado norte americano que tocava piano. Fui chamá-lo em outra dependência; era de cor escura.

Na ocasião, em plena luz do dia, aviões alemães investiram contra a cidade. As bombas podiam continuar a destruição da cidade de Livorno.

Nunca, porém, quebrariam a beleza do que no momento nos deleitava os ouvidos. Ouvíamos os primeiros acordes do hino evangélico MAIS PERTO QUERO ESTAR, MEU DEUS, DE TI.

Foi realmente belo. Tenho a felicidade de recordar aquela mistura de bombas assassinas e destruidoras com as notas musicais de um hino sacro.

NOVAMENTE NAS ÁREAS DE INSTRUÇÕES

Voltei aos campos de instruções.

As instruções eram variadas. Consistiam de tiros de fuzil ao alvo: de golpes simulados, mas cansativos e perigosos de baionetas, de tiros de fuzil-metralhadora, de tiros de bazuca e de metralhadoras.

Dos exercícios também fazia parte o lançamento de granada-de-mão e de morteiro. Integravam o elenco minas de diversos tipos.

Perigosíssimos os exercícios de metralhadoras.

Várias metralhadoras eram colocadas em uma das margens de um campo devidamente preparado.

Os soldados, arrastando-se para que acidentes fossem evitados, acidentes que podiam ser fatais. Tínhamos que transpor a larga área, o que era feito sob balas disparadas a menos de um metro de altura. Tínhamos que nos colar ao chão.

Outro exercício digno de ser mencionado era feito em uma pequena área acidentada. Elevados, uma ponte com mais de vinte metros de extensão e com tablado irregular era como se apresentava o local. Tínhamos que transpor a área. E alguns trechos sob várias fileiras de arame farpado arriadas ao solo.

Havia uma parede feita de toros de madeira colocados horizontalmente. Tínhamos que transpô-la devidamente equipados.

Muito cansativos os exercícios naquela área. Quem deixasse de fazer, mesmo que fosse uma, voltaria ao princípio. Começava tudo de novo.

Não havia água para banho no acampamento. Sofremos, conseqüentemente, durante alguns dias, os horrores da sujeira, o que era próprio dos exercícios que fazíamos, algumas vezes em contato com a lama. Apareceu, apenas uma vez, um carro-pipa com várias torneiras. Foi, pelo que se viu, insuficiente.

Providencialmente a sujeira teve seu fim. Certa noite um dos companheiros, dado a aventuras, penetrou um pouco mais no bosque. Que surpresa agradável em uma noite de luar: uma lagoa e uma praia artificial.

Não dispúnhamos de lavanderia. A nossa roupa era entregue a italianas que iam ao acampamento uma vez por semana. A minha lavadeira era uma senhora idosa, que se fazia sempre acompanhar de uma encantadora neta de sete anos de idade.

Era linda, Fosquinha, o seu nome, e da qual ainda conservo uma fotografia, Daria aquela mimosa criança, às sextas-feiras, fartas guloseimas próprias para a sua idade.

VIII.

SEM DESTINO

Não sei se foi resultante de minha recusa aos exercícios inúteis de continência, pois o tal sargento a que já me referi declarou-me que eu seria punido.

O fato foi que, certa tarde, fui colocado em uma viatura, que me levou não sei para que lugar. Tinha eu a impressão de que se tratava de área nos arredores de Bolonha. Nela permaneci dois dias, tendo por abrigo uma barraca de lona.

Sem pertencer a qualquer Regimento, fiz uma patrulha com outros companheiros, que também não sabiam o motivo por que se encontravam na mesma situação.

A missão era perigosíssima, sobretudo por se tratar de uma região de apaixonados e fanáticos fascistas. Eu e meus companheiros nos indagávamos sobre o motivo de nossa presença naquela área deserta. Seria segredo da FEB?

Um dos febianos, não sei se por troça ou se falava mesmo verdade, disse-me que só podia ser perseguição, pois ele fora certa vez mandado apanhar um capacete que estava enganchado em um galho de pinheiro, tarefa que não executou, não por desobediência, mas porque não sabia subir em árvore. Eram coisas da FEB, concluiu. Não sei o sentido que desejava emprestar ao que dizia.

A ordem era não atirmos, pois se houvesse alemães nas proximidades, seria desastroso. Um companheiro, vislumbrando um vulto naquela madrugada de 8 de abril, ficou indeciso. Atirou. Resultado: uma intensa fuzilaria, não sei se com soldados alemães ou com fascistas das redondezas. O saldo foi a morte de um homem e de um menino, pai e filho.

No dia seguinte assisti a um comovente espetáculo: Uma italiana, aparentando trinta anos aproximadamente, chorava a morte do esposo e do filho.

O que levou aquelas criaturas, em plena madrugada, a atravessar área tão perigosa? Foi a busca de alimento naquela Itália faminta! Foi o que informou a esposa e mãe em desespero. Não seria, indago, espionagem fascista?

Posteriormente encontrei o tenente Donadelli, e vendo uma fotografia minha ao lado de um oficial do Exército, perguntou-me sobre o que aquilo significava.

Informei-lhe que eu era taquígrafo do Governo do Estado do Pará e que o oficial ao lado era o conhecido coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, com forte liderança no Estado.

- Então o seu lugar não é aqui, completou o tenente.

RETORNO AO ACAMPAMENTO

Passadas algumas horas, eu estava de retorno ao acampamento, onde ainda permaneci dois dias.

No dia 22 de abril, aproximadamente, não tenho bem certeza da data exata, recebi, na minha barraca, o aviso para jantar mais cedo. Cisme logo que eu fosse preencher algum claro na linha-de-frente. Jantei cedo e aguardei nova ordem.

DESLOCAMENTO PARA VILLA FRANCA

Ao escurecer, um jipe conduzido pelo capitão Renato Varanda parou frente à minha barraca. Sentei-me ao lado daquele oficial, que permaneceu calado durante a viagem.

Não tive oportunidade de perguntar-lhe sobre o meu destino.

Deixei que o tempo corresse. O silêncio foi quebrado no momento em que divisamos, no espaço, facho de luz, que pareciam quilométricos. Eram holofotes à procura de algum avião inimigo.

Depois de duas ou três horas de viagem dávamos entrada na cidade de Montecatine, onde era bem apreciável o movimento de pessoas, alias muito bem trajadas, embora usando calçados de madeira.

À nossa frente um belíssimo edifício o LEOCANDA MAGIORI, hotel transformado em hospital de convalescentes, no qual me hospedei no Apartamento No 117. Logo tive a agradável companhia de um sargento. Muito conversador, não escondia sua repulsa ao nazifascismo.

A vida naquela pequena cidade era principesca. No hotel transformado em hospital, a boa cama, o banheiro aquecido, o refeitório com paredes e teto revestidos de cedro, dava-nos a impressão de riqueza.

Alimentação excelente e farta. Diversões e muita liberdade. Foi um pequeno turismo, apesar da guerra que ainda feria, matava e destruía.

No dia seguinte fui apresentado ao tenente Antônio Chagas Bicalho, que me levou ao Gabinete do major Varanda. Fiz-lhe a respeitosa continência, que no momento me parecia ter cabimento.

Tive a recomendação de que a mesma não era necessária no hospital. Naquele ambiente, se não estou forçando a expressão, acabou-se a hierarquia. Estávamos nivelados ao mesmo sentimento de liberdade.

Decorridos alguns dias era fim da guerra na Itália

No dia 2 de maio de 1945 as ruas da cidade estavam engalanadas e o povo dançava e cantava. Era a alegria da Paz.

Deixamos o hospital. Seguimos para o Norte, a fim de integrarmos um hospital de emergência que estaria sendo instalado. Se a guerra havia terminado na Itália, creio que aquela dependência se destinava a receber feridos da Alemanha, que talvez não dispusesse mais de espaços adequados, tal a devastação a que estava sendo submetida.

Para a longa viagem foram utilizados vários caminhões. Pelo tamanho, pareciam carretas. A frota era guarnecida por metralhadoras antiaéreas, o norte-americano sempre se mostrava prevenido e levava a sério a sua missão.

No último hora achei de comprar um jornal para ler, mesmo em língua italiana, da qual nada entendia. Desejava saber notícias sobre a guerra. Resultado: quase perco o transporte.

Só tive tempo para embarcar. Deixei na rua minha bagagem. Conduzi apenas uma pequena maleta com mais de mil fotografias. Sem espaço na viatura, fiquei em péssima posição durante horas. Dela só tive alívio nas proximidades de bolho, quando houve uma pausa.

Depois dessa pequena e indispensável interrupção, prosseguimos até as duas horas da madrugada.

Chegávamos aos arredores de Villa Franca, nas proximidades da tão falada e poética cidade de Verona, cidade que visitei no dia seguinte a minha ida a Veneza. Verona, muito bonita, apesar de destruídas várias obras de arte e as pontes que atravessam o rio Arno.

Deixamos para trás a cidade de Módena, mergulhada em profunda tristeza, tal o aspecto das ruas desertas. Uma ou outra pessoa transitava.

Na véspera, segundo fui informado, tinha ocorrido o deslocamento da tropa de ocupação alemã, que havia sido feito sob intensa fuzilaria.

No decorrer da viagem quase eu ia para a cidade nas proximidades de Porreta Terme, o nosso comboio atravessou uma ponte metálica improvisada. Na ocasião, uma barra de ferro que assemelhava a um trilho, desabou a uns vinte centímetros de nossa viatura.

Ao atravessarmos um trecho do rio Pó, o caminhão que me conduzia guinou um pouco sobre a ponte flutuante. A minha maleta preferiu as águas rasas do rio.

Chegamos, pela madrugada, ao nosso destino, que era um imenso descampado, onde em menos de três dias a Engenharia do 5º Exército Norte-americano construiu um hospital de emergência, de barracas de lona, com iluminação elétrica. Para os enfermos foram levantadas barracas para doze leitos. As camas eram mesmo para doentes, tal a maciez dos colchões.

No hospital havia um laboratório e dois bem instalados, refeitórios. As refeições eram servidas em pequenas mesas.

Um banheiro despertou a minha atenção. Na dependência das torneiras só entravam vinte pessoas de cada vez.

Para mais conforto, existia uma sala de espera com cadeiras, que completava a excelente dependência do hospital. Cada um recebia um pequeno sabonete, uma toalha e u'a muda completa de roupa.

Decorrida uma hora do almoço, recebíamos um copo de sorvete.

O escritório, apesar de ser em barraca de lona, oferecia muito conforto. Era bem equipado. A Seção Brasileira era chefiada pelo capitão Renato Valanda, com quem trabalhei no apanhamento taquigráfico de seu Relatório, ao serem encerradas suas atividades naquele hospital.



DIA DA VITÓRIA

Oito de maio de 1945. Meio-dia.

Eu escutava, no escritório do hospital, um alegre programa de rádio. Repentinamente, uma pausa. Decorrido um minuto, fazia-se ouvir uma gravação de badaladas de sino, que serviu de fundo para a notícia que iríamos em seguida ouvir com muita emoção: **TERMINADA A GUERRA!**

Depois de tão auspiciosa notícia, só canções festejando o grande e inesquecível acontecimento. Éramos doze na Seção Brasileira. Abraçamo-nos.

Quem teve força para conter as lágrimas da emoção?

À noite houve uma festa na área do hospital, com o comparecimento de lindas jovens italianas, que completavam os pares.

Todos, em condições de o fazer, dançavam sob a vislumbrante chuva de fogos luminosos, fogos de artifício.

Foi um acontecimento de muita beleza.

Trago-o nítido na memória, apesar de decorridos quase quarenta anos do término da Segunda Grande Guerra Mundial.

Depois da guerra o major Varanda deu-me o ensejo de conhecer a cidade de Veneza, que tem a embelezá-la imponentes construções banhadas pelas águas do mar Adriático.

As edificações parecem mergulhadas nos canais que cortam a histórica cidade, na qual sobressaem o Palácio dos Doges, a Praça São Marcos com a grandiosa basílica, e a Ponte dos Suspiros.

No Palácio dos Doges as escadarias de mármore lembram o sacrifício de centenas de criaturas denunciadas. Da sua prisão subterrânea o condenado só saía para morrer em outro local.

Na última caminhada, atravessava a ponte do Grande Canal - a Ponte dos Suspiros, quando, para me despedir daquela vida, lançava o olhar, que nunca mais seria repetido, e contemplava a beleza da cidade de tantas recordações.

Veneza é, na verdade, impressionante.

Sua poesia vai das belas edificações, que dão ideia de palácios, aos passeios de gôndolas que cortam os sujos mas românticos canais da Pérola do Adriático.

Aproveitando as poucas horas na cidade, dei um passeio de gôndola.

Enquanto a esquisita embarcação deslisava as águas dos canais, o gondoleiro emprestava encanto àquela hora memorável, entoando lindas

canções. Cantava, com voz meiga, a canção que, na época, mais se ouvia na Itália: MAMA.

TOCHAS

Aproveitando uma "carona" oferecida numa viatura inglesa, fui ao lago de Commo, lá para as bandas da Suíça. Meus olhos penetraram profundamente na beleza das paisagens.

Tentei, posteriormente, numa "tocha" oferecida por um motorista norte-americano, ir à cidade de Dresden. Não consegui meu intento, ela estava no coração da Alemanha. Tínhamos que atravessar a fronteira, o que seria pouco provável; voltei em outra viatura, depois de mais de doze horas de aprazível viagem.

Eu gostaria de ir a Dresden, cidade que sofreu o maior bombardeio aéreo da Segunda Grande Guerra Mundial.

Três bombardeios consecutivos, feitos por aviões norte-americanos e ingleses castigaram-na, matando criminosamente, segundo relatos, aproximadamente trezentas mil pessoas em poucas horas.

Como as Nações Aliadas venceram, os mandantes não responderam a qualquer processo, como ocorreu no Tribunal de Nuremberg, que condenou à morte vários criminosos de guerra nazistas.

No dia 9 de maio fui a Milano, onde assisti ao grandioso desfile dos partizans. Muita gente. Muitas flores. Muitas e lindas canções. Era o tributo de uma população àqueles que lutaram para sua libertação do jugo fascista.

DE VOLTA AO ACAMPAMENTO

No dia 18 de maio eu começava minha viagem de volta aos lindos bosques de Staffoli. Eram, agora, mais perfumados os pinheirais, que davam abrigo a todos nós, que já cantávamos a certeza do abraço que brevemente daríamos aos nossos queridos no Brasil.

Muitos brasileiros não voltariam. Derramaram o sangue por um mundo melhor. Haviam tingido de carmim a neve e a lama no palco de tantas batalhas.

Aqueles **451 heróis brasileiros**, inclusive da FAB, repousaram, durante quinze anos, no bem cuidado campo-santo de Pistóia trasladados para o Brasil, onde chegaram em 16 de dezembro de 1961 e têm os restos mortais carinhosamente guardados em ampla dependência do Monumento aos Mortos da Segunda Grande Guerra Mundial, em urnas individuais feitas de mogno.

A vinda dos restos mortais de nossos companheiros, inclusive de paraenses, foi a concretização do acalentado sonho do marechal Mascarenhas de Moraes, nosso Comandante.

A vida no acampamento, depois de terminada a guerra, passou a ser de enervante monotonia.

Três alimentações diárias, dormir e nada fazer dominaram nos primeiros dias, regra que foi quebrada posteriormente com a repetição de perigosas instruções de guerra.

RUMO AO EMBARQUE

Um fato curioso: enquanto fui deslocado para o Norte o meu número, que era 18, passou a ser 367, pelo que eu nem pensava em plantão.

Um soldado descobriu a "moleza" em que eu repousava, fui designado para dar plantão, o qual, entretanto, por conta própria, dei por terminado, mal eu o havia começado. Fui designado para a cômoda função de telefonista. Decorridos quinze minutos, no máximo vinte, a campanha soou. Fui atender.

Do outro lado da linha recebia uma ordem para ser transmitida ao Comandante da Companhia. A alegria foi tanta, que ignorei a ordem. Saí correndo, aos gritos, dizendo que dentro de uma hora seguiríamos para Nápoles, o que gerou grande confusão. O comandante acenou-me com uma punição. Mas tudo ficou na santa e carinhosa paz.

Neste capítulo, por oportuno, mais uma homenagem à verdade.

Ao terminar a guerra, a vida no acampamento de Staffoli sofreu modificação profunda. O regime alimentar passou a ser outro. Havíamos saído da supervisão norte-americana.

Sob essa inspeção, quando fazíamos os exercícios, a partir do mais simples, estavam nas áreas ambulâncias e telefones.

Depois, tudo mudou. Não havia mais serviço telefônico ou ambulâncias, por mais perigosos que fossem os exercícios.

Lembro-me de um exercício, que se revestiu de momentos perigosíssimos, realizado em uma área que ficava, a pé, duas horas de distância do acampamento.

Uma granada de morteiro, depois de ficar enganchada em um galho, caiu sobre a patrulha simulada do inimigo. Haveria mortes ou ferimentos, se aquele engenho de guerra explodisse.

Sem telefone e sem ambulância, haveria necessidade de uma viagem, a pé, que duraria duas horas, em busca de socorro.

Eram coisas dos nossos. Somo a este acontecimento, aquele já mencionado, de minha ida, não sei por que, para os arredores de Bolonha.

Até hoje não compreendi o motivo, pois pelos boletins que ouvi, eu não pertencia a nenhum Regimento.

Talvez até a um deles pertencesse, pois nos boletins havia enganos. Por exemplo: quando fui trabalhar no hospital de emergência nos arredores de Verona, o boletim noticiou que havia sido hospitalizado.

Na FEB existiam coisas que retratavam a falta de responsabilidade de soldados e de oficiais. Cito quatro exemplos para a assertiva do que escrevo.

Um capitão que servia em minha Companhia surpreendeu me repousando em minha barraca. Eu não havia ido fazer exercício de vez que estava doente.

Pois bem, o mal encarado, conhecido pelo nome de Gonorréia, mandou que eu fosse arranjar uma enxada para tirar o capim que protegia aquele acolhedor abrigo.

Como quem está na guerra, - e esta ainda matava, feria e destruía não teme consequências, respondi-lhe, embora delicadamente, que não sabia onde encontrar aquele instrumento e que, além do mais, o capim servia para evitar a poeira. Nada mais ocorreu. Falta de responsabilidade do oficial, só queria mesmo era castigar.

De outra feita, passei por uma barraca que servia de xadrez. Um soldado, portando fuzil e baioneta, dava-lhe guarda. Perguntei ao companheiro quem era o preso. Sou eu o preso - Respondeu-me.

- E o sentinela?

- Está fazendo café.

Esperei um pouco e saboreei o café, aliás muito saboroso, feito pelo sentinela, que havia confiado a arma ao preso. Falta de responsabilidade do soldado.

Além daquela prática de inúteis continências, já referida, aponto outro disparate, o que denota tremenda falta de responsabilidade. De minha Companhia haviam sido escalados vinte soldados para o plantão.

O meu horário seria a noite. Existia um xadrez de madeira coberto de lona. No pequeno espaço encontravam-se acotovelados quinze presos.

Ponderei ao cabo Sebastião Onofre Farnesi (o cabo Farnesi) que seria melhor dispensar os soldados escalados para o plantão da noite, pois o xadrez estava bem guarnecido. Sugestão feita, sugestão acolhida.

Falta de responsabilidade minha (soldado). Falta de responsabilidade do cabo, um humilde mineiro morador em Formiga, Estado de Minas Gerais. Falta de responsabilidade de quem teve a ideia de prender soldados xadrez com teto de pano.

Por último, para completar esta série: um companheiro, fato já assinalado, internado no 7º Hospital, em Livorno, foi mandado retornar a origem. Dois dias decorridos, voltou com o ouvido sangrando. Falta de responsabilidade do médico brasileiro que o atendeu.

Retornando ao terceiro episódio: Às dezoito horas do dia seguinte houve a conferência dos presos. Faltava um.

O tenente de serviço, diante do acontecido, disse que aquilo não era problema, pois o Comandante nunca conferia os presos. Devíamos esperar o que daria a fuga. Falta de responsabilidade do tenente.

Por coincidência, apareceu o capitão Joaquim Inocência Oliveira Paredes, que deu por falta do fugitivo, aliás o único perigoso. Ordenou que o tenente redigisse à parte contra o cabo.

Estávamos ainda em plena guerra. Qual seria a penalidade?

Indago a mim próprio. O certo é que o cabo seria enquadrado em pena disciplinar. O Farnesi, de moreno passou a pálido. Já a noite escurecia. Sai sem rumo por aquele imenso bosque, à procura do oficial.

Encontrei-o perto de um córrego. Estava ereto, talvez meditando. Valendo-me daquele momento, disse-lhe com uma continência muito mal feita, porém com o devido respeito:

- Com licença, tenente. - Tenente, não. Sou capitão.
- Major (aumentei-lhe o posto inadvertidamente), não sei distinguir as insígnias dos oficiais.
- Diga-me o que deseja.

Narrando os acontecimentos àquele oficial de fina educação, ponderei-lhe que o cabo Farnesi foi por mim induzido a dispersar os plantonistas da noite. Pedia-lhe, portanto, que a penalidade recaísse sobre mim, o que foi negado.

Depois de insistir, a conversa passava, aos poucos, para o terreno de amizade e da compreensão.

Regressou, e eu em sua companhia, ao local do Comando.

Que surpresa! Eu reaparecia aos companheiros acompanhado do Comandante. Foi um momento em que nos olhos de todos transparecia um quê de interrogação.

O compreensivo Comandante mandou telefonar para a Engenharia. Dentro de poucos minutos os presos eram libertados, o xadrez, era desmanchado e, para a alegria de todos, o enquadramento disciplinar deixava de existir.

Coisas de FEB, mas que não ofuscaram os gloriosos feitos de seus heróis:

- Xadrez coberto de lona;
- Eu dando patrulha a quilômetros de Depósito, muito embora não pertencesse a nenhum Regimento; Lições de continência sem nenhuma necessidade; preso dando guarda e sentinela fazendo café;
- Capitão mandando eu tirar o capim protetor de minha barraca;
- Confusão no acampamento causada pelo meu plantão, que não foi dado por iniciativa minha; Soldado voltando do hospital de Livorno à origem, por se aparentar bem, embora gravemente enfermo;
- Minha inclusão, embora recruta, em pelotão de emergência, quando eu nada entendia de armas, a não ser atirar de fuzil ao alvo;
- Eu rebaixando para tenente o capitão Paredes.

EM CONTINÊNCIA À PÁTRIA DISTANTE

Diariamente eram escalados mais de cem soldados para a cerimônia de arriamento do Pavilhão Brasileiro: Todos, com apresentação caprichada, davam muita importância ao ato.

Dado o toque de corneta, ouvia-se a voz de comando:

- **EM CONTINÊNCIA À PÁTRIA DISTANTE! APRESENTAR ARMA!**
Desfazia-se a solenidade, quando o nosso pensamento voltava, com muito patriotismo, a querida terra distante, que esperava de braços abertos.

UM CULTO EVANGÉLICO

Depois da tomada de Montese assisti ao mais belo culto evangélico. Não estávamos em templo feito pela mão do homem. Era amplo, sem fim. Suas colunas ou paredes para sustentá-lo não existiam.

Tinha por piso o próprio chão. Por teto, a imensidão dos céus.

No decorrer da pregação, o pastor João Filson Sorem, da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, foi interrompido por um soldado para dizer-lhe que desejava ver a Deus. O pregador invocou o versículo bíblico: "Os céus proclamam a glória de Deus. O firmamento anuncia as obras de suas mãos."

Retorno ao que escrevi sobre o embarque.

Todos queriam ser transportados na mesma hora, o que resultou em superlotação das viaturas que, ao saírem as últimas horas da tarde, chegaram a Francolise às dezoito do dia seguinte.

FRANCOLISE

Instalamos nossas barracas, que com facilidade iriam aos ares, se não estivessem bem firmadas no chão, pois na localidade era constante o vento em remoinho, o que provocava verdadeiras chuvas de poeira.

O isolamento era grande, pois nos encontrávamos longe de qualquer povoado. A cidade mais importante e mais próxima era a de Nápoles, mas não dispúnhamos de meios de transporte para uma ligeira "tocha".

PROSTITUIÇÃO

Foi em Francolise onde vi confirmado o que já me haviam informado sobre a prostituição desregrada. Encontrei, perto de um igarapé, uma linda jovem chorando. Chorava muito. Perguntei-lhe sobre o motivo. Disse-me que durante o dia havia copulado quase quarenta vezes. O último soldado tinha-lhe causado sangria.

Para os atos sexuais no local não havia cama. Os encontros eram plena relva, na presença dos colegas, que se colocam em posição de espera. Não havia nenhuma cerimônia, que dava seu lugar a brutalidade.

Em outro local presenciei mais um caso de prostituição.

Este, escabroso, nojento. Uma jovem era usada por soldados, que pagavam diretamente ao cafetão. Disseram-me, não sei se brincando, que aquela jovem prostituta estava "trabalhando" para dar um dote ao noivo.

Se não é verdade, a mentira não é minha, a mim não pertence. Uma mentira minha quebraria a realidade deste relato.



DE VOLTA PARA O BRASIL

Chegou o dia 31 de agosto de 1945 e, com ele, uma frota de caminhões que nos conduziu ao cais do porto de Nápoles, onde se encontrava atracado o navio "Duque de Caxias".

As doze horas embarcávamos. Às dezoito deixávamos porto.

A bela cidade ficava mais longe, aos poucos o Vesúvio desaparecia. Estávamos regressando à Pátria. A alegria era tão grande, que nem a péssima alimentação de bordo fazia diminuí-la, sentíamos, contudo, diferença, e bem grande, daquelas alimentações que havíamos recebido na Itália, quando nos encontrávamos sob a supervisão norte-americana.

Na Itália recebíamos mingaus variados, pão, manteiga café e leite, galinha, feijão, macarrão ou arroz, espinafre, beterraba, torresmo, ovos, bombons, ervilhas e refrescos. A bordo, de volta, tínhamos que nos contentar com o café da manhã com pão e manteiga. Um pouco de leite era adicionado. O almoço e janta eram invariáveis: feijão, macarrão ou arroz, pão e uma rodela de salame, que lhe demos o nome de "roda de jipe".

A igualdade que, com raríssimas e excepcionais ocasiões, existia na Itália, entre os oficiais e praças, quanto à alimentação, havia desaparecido. A diferença gerava uma espécie de revolta íntima. Os oficiais, sem nenhuma reserva, não escondiam dos soldados os pratos variados.

Apesar dessa diferença, estávamos satisfeitos, por quanto não tardaria o tão esperado momento de nosso desembarque no Brasil.

EM LISBOA

Deixando o porto de Nápoles, uma grande e agradável notícia foi anunciada, o que foi surpreendente: O nosso batalhão seria homenageado em Lisboa, onde chegamos na noite de 1º ou 2 de outubro, não me recordo bem.

No dia seguinte a tropa brasileira formou na Avenida da Liberdade. Parecia que toda a população da cidade nos esperava. Os portugueses não se limitavam às palmas. Os vivas ao Brasil eram dados a uma só voz. Ao atravessarmos a Praça do Rocio, o desfile passou a ser feito sobre um macio e imenso tapete de flores.

À tarde ficamos livres e nos foram entregues cinquenta escudos. A não ser a despesa que fiz com a compra de um livro, que presenteei a primeira legionária da LBA que encontrei ao desembarcar no Rio de Janeiro, outras não

efetuei, pois os portugueses que me acercaram não permitiram o desembolso de qualquer importância, mesmo com transportes ou refeições.

À noite fui levado à Feira Popular, onde me diverti ao alcance de minhas forças. A conta dos portugueses ficavam as despesas.

Na manhã seguinte visitei o Mosteiro dos Jerônimos, obra cuja arquitetura dá maior realce e beleza à capital lusa. As seis da tarde partimos para o Brasil. Tudo era alegria, paz e esperança.

No dia 16 de setembro estávamos nos encontrando com o navio-transporte GENERAL MEIGS, que trazia de volta outros milhares de homens da Força Expedicionária Brasileira.

Dai a vinte horas, dia 17, os dois navios singravam as águas da baía da Guanabara. Foram ao nosso encontro dezenas de embarcações festivas. Salvas dos canhões da Fortaleza de Santa Cruz e do Forte Copacabana eram ouvidas. Manhã muito festiva.

O DESEMBARQUE

Às dezessete horas, o desembarque. Era dado início ao desfile de 7.143 homens, com o seguinte percurso: Avenida Rodrigues Alves, Praça Mauá e avenidas Rio Branco e Presidente Vargas.

A massa humana delirava ao longo do trajeto. Dava mais realce ao desfile a invasão de jovens e senhoras que nos beijavam ao som da canção SAUDADES DE MINHA TERRA. Não houve flores, porém, muito entusiasmo.

Cabe, aqui, um reparo ao que escreveu o marechal José Machado Lopes, no livro, 100 VEZES A FEB RESPONDE, sobre a chegada do 1º Escalão, diz as fls. 60 de seu trabalho, referindo-se a esse escalão, que uma colossal massa popular aguardava ansiosa o desfile dos expedicionários desde o cais do porto a rua do Flamengo.

Jamais - continua aquele marechal - o Rio assistiu a uma demonstração patriótica e espontânea do povo brasileiro como a recepção patriótica que se prestou a esse elemento da FEB certamente referindo-se ao general Zenóbio da Costa.

Até aí nada posso contestar. Diz, entretanto, que os demais escalões foram recebidos sem nenhuma prova de carinho e que os navios que os conduziam eram atracados a noite e que o nosso transporte era feito em composições ferroviárias que já aguardavam os escalões no cais do porto.

O respeitável autor laborou em lamentável equívoco, pois os 1º, 3º e 4º escalões (eu participei do 3º) foram recebidos por grandiosa e entusiástica massa popular.

O 5º Escalão, sim, constituído de 2.742 homens, desembarcaram do navio JAMES PARKER e desfilaram sem a recepção dispensada aos que o antecederam.

Mas havia algumas pessoas postadas ao longo da Avenida Presidente Vargas. Como eu, batiam palmas à passagem dos restantes febianos que

regressavam. O desfile foi ao meio-dia e não a noite. Não faço nenhuma referência à chegada do 2º Escalão, pois em 22 de agosto eu ainda me encontrava na Itália.

Este reparo não retira a utilidade da obra que, pela clareza com que nos fala da FEB, bem podia ser incluída em currículo escolar, a fim de que a infância e a mocidade brasileiras tomassem conhecimento dos grandes feitos por ela realizados na Itália.

Voltando ao desembarque do 3º Escalão. As composições de trens elétricos nos conduziram à Vila Militar, onde ficamos alojados.

Antes de deixarmos o navio houve um ligeiro atrito entre mim e um sargento gaúcho, que mandou que eu carregasse sua bagagem, ao que me opus, não com delicadeza, pois delicadeza em não havia recebido. Opus-me com veemência. Venci, mas não calculava o que viria depois de represália.

O meu número era 367, o que me colocava muito longe da escala de plantão no dia da chegada. O tal sargento, ao defrontar-se comigo, ordenou-me que eu fosse apanhar um fuzil e uma baioneta e dar guarda no portão do quartel. Aleguei que estava com muita gripe.

- Então vou lhe mandar para o HCE, ameaçou-me. Não vou. Repliquei. Tomei rumo ao portão, voltando ao quartel lá pelas onze horas da noite.

No dia seguinte, recebemos as condecorações que merecíamos.

A minha: MEDALHA DE CAMPANHA.

Condecorado, procurei, nesse mesmo dia, o meu amigo Antônio Herrera Filho, na Interamericana de Publicidade S. A., na qual fui admitido na mesma hora. O amigo levou-me, no dia posterior, ao jornal TRIBUNA POPULAR, ao qual dei uma entrevista, publicada em destaque na página.

Eu dava um recado de portugueses ao povo brasileiro para que este se manifestasse a favor da redemocratização de Portugal.

Morei no quartel até o dia 19 de outubro de 1945, data quando me foi dado o desligamento da Força Expedicionária Brasileira.

Recebi o Certificado de Reservista No 21.535.

Eu deixava de pertencer a FEB que teve para mim lances de muita emoção. Se me perguntassem quais os momentos mais emocionantes que senti e ainda permanecem em minha memória, responderia:

- Ao me despedir da família no dia do embarque para o Rio de Janeiro;

- Ao responder ao chamado, na Vila Militar, para formação de uma força de voluntários;

- Ao desembarcar, no porto de Nápoles, sob os acordes: dos hinos nacionais do Brasil e dos Estados Unidos;

- Ao ouvir, pelo rádio, nos arredores de Verona, a notícia de que a guerra havia terminado. Muitos abraços acariciados por discretas lágrimas. Os sinos das grandes catedrais aos das humildes capelas camponesas tocaram festivos anunciando que a noite tenebrosa da guerra havia passado e que o sonho acalentado da Humanidade estava concretizado: reinava a Paz;

- Por último, o drama provocado por uma idosa senhora na igreja matriz de Itajaí, em Santa Catarina.

Era celebrada lá missa por ocasião do II Encontro Nacional dos Veteranos da FEB. A igreja estava repleta. Havia aproximadamente oitocentos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

Ao ser dado o toque de silêncio, aquela senhora exclamou chorando apoiada no meu ombro esquerdo: O meu filho morreu na guerra!

Dei-lhe meu lenço. Houve o natural contágio.

Dai a segundos um colorido de lenços enxugava as lágrimas de mil faces. Estas, as maiores emoções que permanecem na alma deste herói da Segunda Grande Guerra Mundial.

Ao escrever estas memórias, volto o meu pensamento para o passado distante. Sinto, como se fossem hoje, os momentos de tristeza e de glórias.

O meu pensamento retrocede aos sessenta milhões de seres humanos mortos em consequência do sangrento conflito desencadeado por Adolf Hitler, que desejava escravizar a Europa e, em prosseguimento à sua ambição de conquistas, fazer escravos todos os povos, com vistas ao milênio do Nazismo, regime que, graças à coragem, ao patriotismo e à compreensão dos soldados das nações amantes da Liberdade, durou apenas pouco mais de treze anos.

Sinto-me altamente honrado pelo decisivo passo que, antes de embarcar para a Itália, dei como voluntário quando, no Rio de Janeiro, atendi a conclamação do major Del Corona.

A honra, porém, não ameniza meus dissabores, porquanto só depois de decorridos tantos anos, os veteranos da FEB, já no crepúsculo da vida, começam a palmilhar o caminho justo do amparo, graças ao Governo Revolucionário, o que proclamo em homenagem à verdade.

Era preciso que a situação dos veteranos da FEB fosse modificada, de vez que só com homenagens, louvores e desfiles em paradas militares não poderiam levar à mesa de seus familiares o pão nosso de cada dia.

O soldado brasileiro, apesar de, na fúria dos combates, haver derrotado valorosos soldados da Alemanha nazista, não considera o fato como glória para a nossa Pátria.

A glória que trouxe para a nossa terra foi a certeza de que, empenhando-se na luta crucial, o fez, não com o objetivo de conquistas de espaço de dominar, mas com o humano propósito de contribuir para a libertação da Humanidade ameaçada.

Encerro estas reminiscências com os sinceros agradecimentos a todos que, nas horas incertas, rogaram ao Senhor para que eu retornasse ao lar.

Destaco a Mary (esposa dedicada, sofredora mas corajosa), a Madaí (minha irmã) e a Alaisa (minha prima). A essas criaturas, o meu comovido reconhecimento pela sinceridade ao suplicarem por mim ao Deus Todo Poderoso.

Orestes Barbosa Mourão
Belém, 28 de fevereiro de 1985.

NOTAS COMPLEMENTARES

Chegado ao Rio de Janeiro, procurei minha madrinha de guerra, criatura que me recebeu com muita amabilidade. Dela, Maria de Lourdes Portella, muito prestativa, recebi, na véspera do meu embarque para o Brasil, em Francolise, um sugestivo cartão. Em Belém, tive como madrinha-de-guerra a Denisa, ligada à minha família por laços afetivos.

Já desligado da FEB, encontrei-me, no Rio de Janeiro na Rua Uruguaiana, com os Drs. Otavio Augusto de Bastos Meira e Arnaldo Valente Lobo, com os quais troquei ligeiras palavras e manifestei-lhes o desejo de retornar a Belém. (Como resultado desse contato e de uma carta que posteriormente escrevi ao Dr. Meira, então Interventor Federal no Pará, embarquei para Belém no dia 8 de maio de 1946, Navegação Aérea Brasileira).

As dezesseis horas eu abraçava a Mary, a Madaí e o Edson no antigo aeroporto de Val-de-Cans. Com muito medo, abracei a magricela Volusia, de olhos grandes e meigos que tornavam mais encantador aquele rostinho de criança. O Vatutin (o Vatuca) não estava presente. Desde o dia 18 de maio do ano anterior brincava com os anjos no céu.

Na minha ausência caiu uma das paredes laterais da casa onde eu residia. Por pouco o Vatuca não foi sepultado vivo nos escombros. Ao regressar, a parede já estava reconstruída.

Ao chegar da viagem, a casa estava totalmente subalugada. Passei, durante vários dias, a habitar como hospede de minha própria residência.

A presidente da Legião Brasileira de Assistência senhora Carmen Ribas de Farias, depois de mandar colocar na janela de minha residência uma faixa com os dizeres DESTA CASA SAIU UM BRASILEIRO PARA A GUERRA, sugeriu que minha esposa procurasse uma casa em bairro suburbano, por medida de economia. Péssimo exemplo de que devia estimular a família de um brasileiro que se entregava a guerra!

Sob a orientação do general Alexandre Zacarias de Assunção, na época Comandante da 8ª Região Militar, foi criada a Comissão de Ajuda à FEB, que funcionou satisfatoriamente. As famílias dos febianos estavam sendo amparadas.

A minha senhora, procurou falar com o coronel Magalhães Barata, então Interventor Federal, a cujo acesso foi facilitada graças à boa vontade do amigo Guilherme Sarmiento Martyres.

Da entrevista, resultou a pensão de quinhentos mil reis mensais, durante minha permanência na FEB. Grande e elogiável o gesto daquele governante.

No Cartório Figueiredo estavam registrados os meus dois filhos Edson e Vatutin. Precisei das certidões de nascimento, a fim de que deixasse a casa arrumada. Acharam de burocratizar a expedição dos documentos solicitados.

Só após uma semana seria feita à entrega. Foi preciso que eu me valesse da interferência do Dr. Cunha Coimbra, diretor do DEIP, onde eu trabalhava, do prestimoso Adolfo Barros, da FOLHA DO NORTE. O primeiro, muito vaidoso, não ligou a menor atenção ao meu apelo. O Barros, porém, com muita dedicação, conseguiu as certidões no dia seguinte.

Recebi também a colaboração do Lucas de Souza, proprietário da LIVRARIA INTELECTUAL. Dispensou-me a dívida resultante da compra de livros.

Do cabo Frota, já mencionado, tive sua cama para, nos intervalos das chamadas, na parte da tarde, repousar um pouco. Por causa dessa cama, aliás, quase que eu começava a guerra ali mesmo.

Um raio de sol, que me banhava o rosto, obrigava-me fechar a janela. Um cabo, de nome Edson, abria a janela. Eu fechava novamente. Foi áspero comigo. Não suportei e lhe dirigi palavras grosseiras, próprias do homem que já se encontrava a caminho do incerto.

No dia em que passei a concentrar-me no quartel, um rato morto, de tamanho respeitável, ocupava espaço na área onde as chamadas nos mortificavam. Na noite de 21 de dezembro ainda atestava o péssimo cuidado de quem tinha a responsabilidade pela higiene e limpeza do quartel.

Nunca fiz refeição almoço e janta no quartel, pois na primeira e única tentativa que fiz, desisti. Repiso no assunto, pois eu estava revoltado, e com muita razão.

O sistema era o seguinte: os encarregados, com seus sujos aventais com moscas mortas a eles agarradas, colocavam os pratos nas mesas.

O feijão era duro e rançosa a carne seca. Uma banana amassada ou podre completava o cardápio, mais apropriado para "engorda de porcos". Até o arroz era de baixa qualidade.

As refeições colocadas nos pratos com muita antecedência, resultando daí a comida ficar fria, sempre acompanhada com as moscas mortas nos pratos. Desisti, repito, pois fiquei repugnando a porcaria.

A senhora Darcy Vargas, então Presidente da Legião Brasileira de Assistência, recebeu-me para uma reivindicação.

Tive uma resposta muito decepcionante. Eu lhe pedia uma recomendação para ser admitido, mesmo como servente, no Banco do Brasil.

Nada fez por mim e, para agravar a situação, disse-me: "Nós estamos decepcionados com vocês". Revoltado e sem papa na língua, retruquei-lhe dizendo que quem estava decepcionado era eu.

Na Itália recebi cartas da Mary, Madaí, Alaísa, Adelina e do Walter e do Herald.

Em decorrência de minha participação na Força Expedicionária Brasileira, recebi os seguintes benefícios:

- A Volusia nasceu em quarto especial na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia do Pará;

- A Comissão de Ajuda à FEB, supervisionada pelo general Alexandre Zacarias de Assunção, apoiou as famílias dos expedicionários, com farta e permanente distribuição de alimentos;

- O Interventor Otávio Meira mandou buscar-me no Rio de Janeiro para trabalhar no seu Gabinete, como contratado. Posteriormente, no dia 22 de novembro de 1946 fui nomeado Estenodatilógrafo, com lotação no mesmo Gabinete;

- Com a redução de dez anos de serviço, fui aposentado, no dia 27 de novembro de 1967, pela Câmara Municipal de Belém, no cargo de Chefe do Setor de Taquigrafia. Com a mesma redução de tempo fui aposentado em 10 de outubro de 1977, pelo INPS, quando exercia o cargo de Assessor Auxiliar na 1ª Delegacia Regional do Banco Nacional da Habitação;

- A Prefeitura Municipal de Belém, através da Lei Municipal n.º 7.056, de 30 de dezembro de 1977, isentou do pagamento do Imposto Predial o imóvel de propriedade única do ex-combatente: Serei beneficiado com a Lei Estadual n.º 5.082/83, de 21 de junho, os meus funerais podendo ser custeados pelo Governo do Estado.



Como veterano da Força Expedicionária Brasileira destaco as minhas participações de maior importância:

- Da IX Convenção dos Ex-Combatentes do Brasil, em Recife;
- Do 1º Encontro Nacional dos Veteranos da FEB, realizada no período de 24 a 28 de maio de 1980, em Itajaí, no Estado de Santa Catarina;
- Da parada militar de Sete de Setembro, em São Luiz, Estado do Maranhão, em 1980;
- Da instalação da Seção Regional da ANVFEB de João Pessoa (Paraíba), em agosto de 1981;
- Da parada militar de Sete de Setembro em Brasília, em 1979.

HOMENAGEM

Em 8 de maio de 1947, após brilhante oração do Sr. Deputado Aldebaro Cavaleiro de Macedo Klautau, recebi, da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, expressiva homenagem.

Os deputados, de pé, assistiram aos cumprimentos na sessão solene, que me foram dados pelos senhores deputados Antônio Teixeira Gueiros, Presidente, e pelos demais Membros da Mesa daquele Legislativo.

CONDECORAÇÕES

Fui condecorado com a Medalha de Campanha.

DISCURSOS

Além de haver discursado na Assembléia Legislativa do Estado do Pará, em data comemorativa a tomada de Monte Castelo, fui orador no Auditório da Faculdade de Odontologia, por ocasião do 25º aniversário do término da Segunda Grande Guerra Mundial, o que muito me honra, mas não me envaidece.

Dois idealistas merecem citação neste modesto trabalho, modesto, mas que reflete a fidelidade do que vi na FEB.

Quero me referir aos companheiros Raimundo Delzuith Oriente Genu e Raimundo Cavalcante da Silva.

Na Presidência da Seção Regional da ANVFEB, o veterano Genu é um denodado. Apesar de vez por outra, companheiros divorciarem-se de sua casa, que é a ANVFEB, esse veterano parece disposto a morrer lutando para que a FEB não desapareça.

A luta por uma casa destinada ao funcionamento de nossa sede, ressalta aos olhos de todos. O imóvel, ocupado há vários anos por uma família, gerou, com a doação, um processo judicial, que tramita a passos de cágado, cágado bem preguiçoso, no Tribunal de Justiça do Estado.

O major Raimundo Cavalcante da Silva é outro idealista, grande lutador. Autêntico herói de Monte Castelo, presidiu, durante anos, a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção do Pará.

Um outro ex-combatente merece minha homenagem: Edward Cardoso.

É um denodado lutador pela causa dos José que, direta ou indiretamente, contribuíram para nossa vitória. O Cardoso é dinâmico.

Disso dá mostra pela ótima apresentação das dependências da Associação que preside. Dá gosto comparecer-se as reuniões solenes, sempre revestidas de agradável programação.

Cometeria grave injustiça se não mencionasse os nomes dos senhores deputados Aldebaro Klautau, Sylvio Meira, José Manoel Reis Ferreira e Cleo Bernardo, que da tribuna da Assembléia Legislativa do Pará fizeram pronunciamentos sobre a Segunda Grande Guerra Mundial, com elogiosas referências à FEB, de igual modo, o Sr. deputado Flavio Guy da Silva Moreira. Meu reconhecimento, também, ao Sr. vereador Jose Ribamar Alvim Soares.

A esses parlamentares o meu reconhecimento pessoal. Se alguma citação deixou de ser feita ou se as que ilustram este trabalho merecem reparos, sentime-ei imensamente agradecido pela valiosa colaboração.



FIM

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória.** Rio de Janeiro , Biblioteca do Exército, 1985.
- ALMEIDA, J. F. de. **Mensagem aos Jovens de Coração:** gerações com a mesma responsabilidade, de Mascarenhas de Moraes a Thomaz Coelho. Sem Editora. 1964
- AMIDEN, J. **Eles Não Voltaram.** Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo Ed., 1960.
- BOHMELE, R. **Monte Cassino: a história que vivemos.** Rio de Janeiro: Editora Flamboyant, 1996.
- BRAGA, R. **Crônicas de guerra:** com a FEB na Itália. Diário Carioca, Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1964.
- BRAYNER, F. L. **A Verdade sobre a FEB:** memórias de um chefe de estado-maior na campanha da Itália, 1943-1945. RJ: Civilização Brasileira, 1968 .
- CAMARGO, A.; GÓES, W. de. **Meio Século de Combate:** diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro Editora: Nova Fronteira. 1985.
- CANSANÇÃO, E. **E foi assim que a cobra fumou.** RJ: Imago, 1987.
- COSTA, O. **30 Anos Depois da Volta.** RJ: Expressão e Cultura, 1995.
- DUARTE, P. de Q. **Dias de Guerra no Atlântico Sul.** RJ: Bibliex, 1968.
- FERNANDES, M. **Xavantes na Itália:** Crônicas de Pracinhas da FEB. Rio de Janeiro: Editora Rigel, 2001.
- LIMA, R. M. **Senta a Pua!** Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.
- LIMA Jr, R. da C. **Quebra Canela:** a engenharia brasileira na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.
- LOPES, J. M. **100 vezes responde a FEB.** RJ: Edição do Autor, 1986.
- MATTOS, C. de M. **O Marechal Mascarenhas de Moraes e a Sua Época.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.
- MIRANDA, A. B. **Guerra:** Memórias ... Destino. Editora Sagrada Família, Belém/PA. 1998.
- MORAES, J. B. M. de. **A FEB pelo seu comandante.** São Paulo: Ipê, 1947.
- O EXPEDICIONÁRIO** (revista). Editora Ex-Combatente. Rio de Janeiro.
- O FEBIANO** (revista). Órgão de Divulgação da Associação Nacional dos Veteranos da FEB. Rio de Janeiro.
- PAES, W. de M. **Lenda Azul:** a atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Bibliex, 1991.
- PINAGÉ, R. **O Escalão da Vitória.** Poema Comemorativo da Vitória das Forças Aliadas na Última Guerra – 1939 – 1945. Pronunciado em Sessão Solene, de 8-5-1953, na Sede da Associação dos ex-Combatentes (Secção do Pará, Belém). Belém: Livraria Pará-Intellectual. Biblioteca do Instituto Cultural Boanerges Sena, Volume 1326. 1953.
- PINHEIRO, J. J. B. **A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial – Resumo Histórico.** RJ: I. A. Nunes Comércio de Livros, 1980.
- RAMOS, J.O. **A Epopéia dos Apeninos.** RJ: Gráfica Laemmert, 1949.
- RODRIGUES, J. A. **Terceiro Batalhão:** O Lapa Azul. 2a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.
- SILVA, H.P.; SOUSA, E.V.O.; TEIXEIRA, M.R.; MENDONÇA, S.R. **Por Terra, Céu e Mar:** Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2013.
- SCHNEIDER, J. E. **Vivência de um Ex-Capelão da FEB.** RJ: Edições Rosário, 1983.
- SILVEIRA, J. **Todos Erraram, Inclusive a FEB.** RJ: Espaço e Tempo, 1989.
- SILVEIRA, J., MITKE, T. **A Luta dos Pracinhas.** RJ: Record, 1984.
- SILVEIRA, J. **As Duas Guerras da FEB.** Rio de Janeiro: Idade Nova, 1965.
- SULLA, G. **Avestruzes nos Céus da Itália:** a Força Aérea Brasileira na campanha da Itália. Itália: Il Fiorino, 2012.

